



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

ANA CAROLINE DO BÚ FARIAS

"A CEILÂNDIA DE ONTEM E A CEILÂNDIA DE HOJE"
ANÁLISE SOBRE O PRECONCEITO COM RELAÇÃO À ORIGEM DE
LUGAR.

BRASÍLIA -DF

2014

ANA CAROLINE DO BÚ FARIAS

**"A CEILÂNDIA DE ONTEM E A CEILÂNDIA DE HOJE"
ANÁLISE SOBRE O PRECONCEITO COM RELAÇÃO À ORIGEM DE
LUGAR.**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca
Examinadora da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília.

Orientadora:

Prof. Dra. Maria Lídia Bueno Fernandes

BRASÍLIA - DF

2014

Farias, Ana Caroline do Bú.

"A Ceilândia de ontem e a Ceilândia de hoje" Análise sobre o preconceito com relação à origem de lugar.

N f. 92

Monografia - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2014.

Orientadora: Doutora Maria Lídia Bueno Fernandes.

1. Distrito Federal 2. Ensino de Geografia 3. História de Ceilândia 4. História Oral
5. Território e Territorialidades

ANA CAROLINE DO BÚ FARIAS

**"A CEILÂNDIA DE ONTEM E A CEILÂNDIA DE HOJE"
ANÁLISE SOBRE O PRECONCEITO COM RELAÇÃO À ORIGEM DE
LUGAR.**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Aprovado em:

Profa. Dra. Maria Lídia Bueno Fernandes

Orientadora - FE/UNB

Fernanda Müller

Membro titular da banca - FE/UNB

Marli Sales

Membro titular da banca - FE/UNB

Ana Lúcia de Abreu Gomes

Suplente da banca - FE/UNB

**Dedico esta monografia a todos aqueles que
confiaram e acreditaram em mim.**

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Maria Lídia Bueno Fernandes, que com muita paciência e dedicação auxiliou-me nesta difícil "caminhada" de pesquisa.

A todos os professores, funcionários e colegas da Faculdade de Educação, que fizeram parte desta história e que contribuíram para minha formação acadêmica.

Às professoras Maria Abádia da Silva, Rosângela Corrêa e Solange dos Reis Amorim e Amato, que contribuíram de forma especial para a minha formação. Sempre serão bons exemplos de dedicação, seriedade e compromisso com a Educação.

Aos meus pais, Anabel e Antônio, que sempre estiveram comigo nos momentos felizes e difíceis da minha vida. Tudo o que sou, devo a eles.

Aos meus irmãos, Alberto, Adalberto e Ângela, que apesar de todos os desentendimentos, são parceiros e amigos que me apoiaram em todas as minhas escolhas.

Ao meu companheiro Isaque, que foi um dos fatores determinantes para que este trabalho fosse concluído. Obrigada pela paciência, pelas dicas e por estar todo este tempo ao meu lado.

Ao Arquivo Público do Distrito Federal pela licença para utilizar algumas fotos que podem ser vistas adiante no trabalho.

A todos os amigos queridos, que trazem alegria para minha vida.

"É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há"

Música: Pais e filhos

Legião Urbana

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso traz à tona a discussão a respeito do preconceito contra a origem de lugar. A escala de análise utilizada refere-se a uma Região Administrativa do DF, Ceilândia, com o objetivo de aferir se existe uma visão preconceituosa sobre o local. Para entender a questão territorial recorreremos à Geografia e para observar as percepções dos moradores fazemos um debate sobre o preconceito, além de dialogarmos com vários autores como Milton Santos, Albuquerque Júnior, Lana de Souza Cavalcanti, entre outros, para aprofundar a pesquisa. Assim, apresentamos ao leitor a Ceilândia de ontem e a Ceilândia de hoje. A primeira faz uma análise histórica dos acontecimentos sobre a constituição da cidade, utilizando os documentos oficiais e também relatos de pessoas que estiveram no início da construção e permanecem nela até os dias atuais. A segunda faz uma análise dos dias atuais, utilizando para isso as visões dos alunos do 5º ano da escola classe 24 de Ceilândia. Finalmente fazemos uma comparação entre os resultados e constatamos que, apesar das limitações desta pesquisa, existe preconceito contra os habitantes de Ceilândia.

Palavras-chave: Distrito Federal, Ensino de Geografia, História de Ceilândia, História Oral, Território e Territorialidades.

ABSTRACT

This work brings up the discussion about prejudice against the place of origin. The scale of analysis used refers to an Administrative Region of the Federal District, Ceilândia, in order to assess whether there is a prejudiced view of the city. To understand the territorial issue resort to geography and to observe the perceptions of residents the research presents a debate about prejudice, and use the ideas of several authors as Milton Santos, Albuquerque Junior, Lana Cavalcanti de Souza, and others. This work presents Ceilândia yesterday and today. The first is a historical analysis of events on the constitution of the city, using official documents and also reports of people who were at the start of construction and remain on it until today. The second is an analysis of the present day, using it for the views of students in the 5th grade class of 24 Ceilândia school. Finally the work compares the results and points as a result that, despite the limitations of this research, there is prejudice against people of Ceilândia.

Keywords: Federal District, Teaching Geography, History Ceilândia, Oral History, Territory and Territoriality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Entrada da escola. Março de 2013. Foto: Autora	35
Figura 2- Sala de vídeo e computação. Março de 2013. Foto: Autora	36
Figura 3 - Secretária e Sala dos professores, ao fundo do corredor fica a direção. Março de 2013. Foto: Autora.....	37
Figura 4 - Cantina. Março de 2013. Foto: Autora	37
Figura 5 - Pátio da escola. Março de 2013. Foto: Autora.....	38
Figura 6 - Candangos Brasília DF, março de 1970. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público DF.....	45
Figura 7 - Invasão de barracos em Brasília DF, 12 de dezembro de 1963. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público do DF.....	47
Figura 8 - Candangos próximos a uma Superquadra de Brasília-DF, agosto de 1959. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público DF	48
Figura 9 - Ceilândia DF, 11 de Janeiro de 1974. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público	50
Figura 10 - Raimundo Pereira de Sousa, pioneiro de Ceilândia. Abril de 2014. Foto: Autora	52
Figura 11 - Damião Pereira Dias, pioneiro de Ceilândia. Abril de 2014. Foto: Autora.....	53
Figura 12 - Raimundo Pereira de Lima, pioneiro de Ceilândia. Abril de 2014. Foto: Autora .	53
Figura 13 - Antônio Severino de Farias, pioneiro de Ceilândia. Abril de 2014. Foto: Autora	54
Figura 14 - Pedro Celestino Pereira, pioneiro de Ceilândia. Abril de 2014. Foto: Autora	54
Figura 15 - Construção de barracos em Ceilândia DF, 09 de junho de 1971, Foto Joaquim Firmino. Fonte: Arquivo Público DF	56
Figura 16 - Construção de Barracos em Ceilândia DF, 28 de agosto de 1971, Foto Joaquim Firmino. Fonte: Arquivo Público DF	56
Figura 17 - Obra da caixa D' água Ceilândia DF 06 de dezembro de 1972. Foto Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público DF.....	57
Figura 18- Inauguração da luz na Ceilândia DF 1 de dezembro de 1971. Foto Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público DF.....	58
Figura 19 - – Inauguração Feira Livre Ceilândia DF 15 de abril de 1977, Autor Luiz Lemos. Fonte: Arquivo Público DF	58
Figura 20 - Novos ônibus em circulação Ceilândia DF 30 de novembro de 1979, Autor Stuckert. Fonte: Arquivo Público DF	59
Figura 21 - Desenho da Caixa D'água	63

Figura 22 - Desenho da Escola Classe 24 de Ceilândia	64
Figura 23 - Desenho do shopping JK	64
Figura 24 - Desenho do Mercado Tatico	65
Figura 25 - Desenho do Congresso Nacional	91
Figura 26 - Desenho de uma casa.....	91
Figura 27 - Desenho da comunidade	92
Figura 28 - Desenho de Ceilândia	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado IDEB 2013 E.C. 24. Fonte: http://ideb.inep.gov.br/resultado/ (Acesso em 18/11/2014).....	39
Tabela 2 - resultado saeb/prova Brasil 2011 E.C. 24. Fonte: http://sistemasprovabrasil2.inep.gov.br/resultados/ (Acesso em 18/11/2014).....	40
Tabela 3 - Preconceito segundo a Turma A	71
Tabela 4 - Preconceito segundo a turma B	72

SUMÁRIO

MEMORIAL	14
CONSIDERAÇÕES INICIAS	19
I. O ESPAÇO GEOGRÁFICO E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DOS SERES HUMANOS	23
II. PERCURSO METODOLÓGICO E O TRABALHO DE CAMPO	31
2.1 Os métodos e a coleta de dados.....	31
2.2 Sobre a escola escolhida e sua metodologia de trabalho.....	34
2.3 Ideb da escola.....	38
2.4 A escola e o resultado saeb/prova Brasil 2011	39
2.5 O projeto político-pedagógico: análise sobre o escrito e o observado	40
III. A CEILÂNDIA DE ONTEM	43
3.1 Brasília, um sonho possível.....	43
3.2 Ceilândia: uma solução para o problema	49
3.3 Memórias de alguns pioneiros de Ceilândia.....	51
IV. "A CEILÂNDIA DE HOJE". PESQUISA COM OS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA CLASSE 24 DE CEILÂNDIA	62
4.1 Contextualizando a turma.....	63
4.2 O preconceito sobre a origem de lugar segundo os alunos	71
V. O ENCONTRO DO PASSADO E DO PRESENTE DE CEILÂNDIA NA CONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO CONTRA A ORIGEM DE LUGAR	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
PERSPECTIVAS FUTURAS	80
REFERÊNCIAS	81
ANEXOS	84

MEMORIAL

Meu nome é Ana Caroline do Bú Farias. Nasci no Distrito Federal no dia nove de agosto de mil novecentos e noventa e um. Meus pais são nordestinos. Tenho dois irmãos, Alberto e Adalberto e uma irmã, Ângela. Minha mãe é dona de casa e aos 50 anos conseguiu seu primeiro emprego como arquivista em uma empresa de telemarketing e meu pai é autônomo.

Meu pai, Antônio, veio muito jovem para Brasília para tentar “melhorar de vida”, como muitos nordestinos fizeram e fazem até hoje. Trabalhou na construção do Tribunal de Justiça e com o dinheiro que ganhava começou a construir sua vida. Voltou para sua cidade, Paraíba, e casou-se com minha mãe, Anabel. No primeiro ano de casamento tiveram a primeira filha, mas minha mãe sofreu um grave acidente faltando duas semanas para ganhar o bebê. Teve queimaduras de 3º grau em toda a barriga e braços, fazendo cera caseira. Minha irmã Ângela e minha mãe sobreviveram, mas os médicos disseram que nunca mais ela poderia engravidar.

Após três anos, minha mãe engravidou novamente e o médico aconselhou-a a interromper a gravidez, alegando que o feto não sobreviveria, pois a barriga não ganharia a elasticidade necessária. Ela se recusou e continuou com a gestação. Com muitas complicações conseguiu ter meu irmão, Alberto. Porém tinha decidido que não teria mais filhos.

Cinco anos depois, tentando realizar o “método da tabelinha” ensinado pela Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (esse é um método comum na religião católica), engravidou do meu outro irmão, Adalberto. Então já que tinha três filhos e realmente não queria mais engravidar decidiu começar a tomar anticoncepcional. Cinco anos depois com a famosa “pílula de farinha”, que era ineficaz, ela engravidou novamente. Nasci no HRAN (Hospital Regional da Asa Norte), pois todos os outros hospitais da região estavam lotados. Nesse ponto começa minha história

Meus pais sempre quiseram dar para os filhos o que eles não tiveram, e a principal coisa que eles poderiam nos dar era educação. Meu início na escolarização formal foi um pouco conturbado com mudanças de escolas.

Comecei a estudar na Escola CAIC Bernardo Saião. Nesta escola fiz o Jardim de Infância e a primeira série. Desta época recordo-me muito pouco, mas me lembro que minha mãe sempre olhava meus cadernos e me ajudava como podia nos deveres. Eu sempre gostei de estudar, chegava da escola e a primeira coisa que fazia era o dever de casa. Nas brincadeiras eu sempre era professora e adorava ler gibis, livros infantis e revistas.

Na segunda série mudei para Escola Classe 24 de Ceilândia, pois ficava mais perto de casa. Fiquei lá até o meio da terceira série. Desta escola tenho ótimas recordações, inclusive a melhor professora que já tive, ela se chamava Cláudia e era doce e gentil. Na outra metade do ano mudei para Escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco. Nesta escola fiquei até o término do Ensino Médio.

O ensino fundamental na Fundação Bradesco, foi muito bom. Sempre me dei bem com todos os colegas e professores e nunca repeti nenhuma série. Desde esse período o ambiente escolar como um todo me atraía, eu realmente gostava de ir para a escola e principalmente estar na sala de aula. Acredito que a idéia de ser professora tenha nascido em algum momento desta fase.

Nos três anos de ensino médio fui representante de classe e voz participativa na escola, foi nesse período também que iniciei minha vida profissional com os estágios. Eu trabalhava de 08:00 da manhã até as 14:00 da tarde e estudava a noite. Foi um período de bastante aprendizado, pois foi aí que comecei a conhecer o mundo e me sentir um pouco independente, pois tinha meu próprio dinheiro e podia gastá-lo da forma que quisesse.

Sou nascida e criada em Ceilândia, e até então nunca tinha ouvido falar sobre a UnB e quanto mais pensar em estudar nela. Mas eu sempre quis algo mais para a minha vida. Eu queria poder proporcionar coisas boas para os meus pais que tiveram uma vida tão sofrida e principalmente que tiveram de abrir mão de tantas coisas pelos filhos. No fundo eu sabia que o caminho para alcançar isso seria através da educação, mas não sabia como iria conseguir pagar uma faculdade para mim. Então no 1º ano do Ensino Médio os professores falaram sobre o PAS e resolvi fazer a primeira etapa dessa prova que proporcionava o ingresso na UnB. Porém não me inscrevi na segunda etapa da avaliação no ano seguinte, porque perdi o prazo da inscrição, então minha única alternativa de ingressar na UnB era através do vestibular. No final do terceiro ano fiz a prova de vestibular para o curso de pedagogia/noturno. No início de fevereiro de 2010, quando estava na Paraíba viajando com minha mãe, recebi a notícia de que tinha sido aprovada, foi à melhor sensação de toda minha vida, uma das maiores alegrias. Nunca achei que eu realmente iria conseguir entrar para a UnB, mas consegui tamanha façanha.

Até ingressar no Ensino Superior não conhecia os habitantes do Plano Piloto e as enormes discrepâncias que existem entre as cidades brasileiras, pois é justamente na capital do Brasil que a desigualdade social e a má distribuição de renda são escancaradas para a sociedade.

O primeiro dia na faculdade foi aterrorizante. Sempre tive que "me virar" sozinha, pois meus pais não tinham tempo para me levar aos lugares e não foi diferente quando entrei para a universidade. Quando cheguei à rodoviária de Brasília, abarrotada de pessoas, não sabia pra onde ir e qual ônibus pegar. Então saí perguntando para todos que passavam se sabiam onde pegar o ônibus para UnB. Uma moça muito gentil foi quem me mostrou onde era o lugar certo para esperar o ônibus. Finalmente consegui chegar à faculdade.

Quando cheguei não sabia o que significava FE, RU, ICC, CAPE e tantas outras siglas que no início só confundem e desorientam os calouros. Quando entrei na sala, tinha um professor enorme, vestido de paletó e gravata falando que tínhamos de ler um livro em francês, fazer um monte de resenhas e que ninguém tiraria SS de um jeito fácil com ele. Eu entrei em pânico, não sabia falar francês, quanto mais o que era SS. Após aproximadamente 1 hora de terror, revelaram que era um trote. A partir daí eu soube que eu realmente tinha entrado para a Universidade de Brasília. Foi uma noite muito agradável e inesquecível.

Após uma semana de aula, recebi a notícia de que a universidade entraria de greve. Foi um choque, pois estava cheia de expectativas. Então, tive que esperar aproximadamente dois meses para retomar as atividades.

No início eu me sentia como uma alienígena, uma estranha, pois grande parte dos meus colegas tinha carro, notebook, celular de última geração, entre tantos outros aparelhos que inicialmente eu nem sabia o que eram ou pra que serviam. Para chegar à faculdade eu pegava o metrô e depois um ônibus na rodoviária e o que eu tinha na bolsa era apenas um caderno e caneta para acompanhar as aulas.

O que mais me chamava atenção era que algumas pessoas me tratavam diferente quando sabiam onde eu morava. Esse preconceito se manifestava de diversas formas, e muitas delas eram veladas, como por exemplo, quando tínhamos que fazer trabalho em escolas, era eu que sempre tinha que me deslocar para o Plano Piloto, pois segundo alguns colegas "ninguém quer ir para um lugar tão longe como Ceilândia", ou quando havia uma discussão durante as aulas sobre problemas sociais como as drogas, violência, evasão escolar, menores infratores, entre outros, sempre citavam a cidade de Ceilândia como maior exemplo desses problemas.

A partir de todos esses acontecimentos foram surgindo dúvidas, irritações e revoltas na minha cabeça, porque eu não conseguia entender porque aquele preconceito existia. Eu adoro o lugar onde eu moro, Ceilândia é meu lar, onde tenho amigos, familiares, onde eu vejo o mais lindo pôr do sol, onde eu me sinto bem e principalmente tenho orgulho dos meus pais

que vieram do nordeste em busca de uma vida melhor. Eu gostaria de poder mostrar isso para as pessoas. E essas questões permaneceram na minha cabeça por um longo período.

O primeiro ano de curso foi de adaptação e aprendizado "forçado". Era recém-saída do Ensino Médio, e não estava acostumada ao ritmo da universidade. Nada prepara você para a UNB. Estava lendo textos com uma linguagem muito rebuscada, com os quais não estava acostumada e que inicialmente não entendia nada. Estava perdida em relação às mudanças que estavam ocorrendo em minha vida. Ninguém dizia como os trabalhos deveriam ser feitos. Os professores falavam que estávamos na universidade agora, e que deveríamos fazer tudo sozinhos, porque não tinha ninguém por nós. E assim, de alguma forma que não sei explicar direito, consegui passar por esse primeiro ano.

No 1º semestre a disciplina "Antropologia e educação", ministrada pela Dra. Rosângela Corrêa, foi uma espécie de "divisor de águas". Como era recém-chegada à faculdade posso considerar essa disciplina extremamente chocante e libertadora, pois com um discurso muito sério e comprometido a professora conseguiu fazer com que muitos preconceitos e visões estereotipadas que fazia parte da minha formação fossem superados, revelando o início de um grande amadurecimento, por isso sempre me recordo com carinho desta disciplina.

A disciplina Projeto 2, cursada no segundo semestre, teve uma importante relevância para compreensão do real sentido da Pedagogia e a gama de opções de atuação que temos no campo educacional. A partir das discussões em sala e das possibilidades apresentadas pela professora Dra. Kátia Curado, pude nortear o futuro caminho que pretendia trilhar no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. O primeiro passo seria escolher um tema no projeto 3 e escolhi "Economia solidaria".

O projeto 3, fases 1 e 2, ministrado pela professora Dra. Sônia Marise, possibilitou uma atividade enriquecedora numa ONG, na cidade de Santa Maria. Trabalhando nesta ONG, liderada pela Amparo, pude estar diretamente com as crianças e pessoas envolvidas durante todo o processo. Foi um período de muito aprendizado pessoal e acadêmico. De fato a teoria estava aliada com a prática.

A disciplina História da Educação Brasileira, ministrada pela professora Maria Abádia, com certeza foi um horizonte abrindo-se na minha formação, pois com todas as leituras e discussões em sala, pude conhecer minhas raízes e entender melhor a história do meu povo. Foi nesse ponto que a questão do preconceito tornou-se mais forte e mais inquietante para mim.

No quarto e sétimo semestres cursei a disciplina Educação matemática 1 e 2, ministrada pela professora Dra. Solange Amorim. Com uma maneira irreverente e única de ensinar, essa professora conseguiu mostrar o melhor da Pedagogia e principalmente que com dedicação, esforço e seriedade realmente podemos fazer alguma diferença dentro de sala de aula.

No sexto semestre, cursei a disciplina Educação em Geografia, ministrada pela professora Dra. Maria Lídia. Durante todo o semestre pude ver a seriedade e a capacidade da professora, com trabalhos de campo e em sala que ampliavam a visão do mundo acadêmico com o qual eu estava acostumada. Tudo isso me levou a escolhê-la como orientadora para os projetos 4 (fases 1 e 2) e 5.

No projeto 4 fase 1, tivemos acesso a um vasto material acadêmico para aprofundamento dos conhecimentos teóricos. Cada leitura possibilitava um preparo maior para a segunda fase do projeto. Assim, quando iniciei o Projeto 4 fase 2, tinha um arcabouço teórico muito rico, o que auxiliou profundamente a minha ida à campo, na Escola Classe 24 de Ceilândia DF. Fiz observações, nas aulas de História e Geografia, anotando os pontos importantes e aprendendo com os alunos e com a professora da turma. Depois desse período, pude ministrar quatro aulas. Esse, com certeza, foi o ápice da minha vida acadêmica, pois tudo o que eu mais desejava estava se realizando, ou seja, eu podia estar com os alunos ensinando e aprendendo com eles. Foi um desafio enorme, com muitos erros e acertos de minha parte, mas foi uma experiência enriquecedora.

Foi no Projeto 4 que pela primeira vez pude expor todos aqueles sentimentos relatados anteriormente e foi aí que decidi que usando meus conhecimentos adquiridos na academia, finalmente poderia encontrar respostas para algumas daquelas inquietações. Então resolvi que o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso seria "A Ceilândia de ontem e a Ceilândia de hoje. Análise sobre o preconceito com relação à origem de lugar".

No sétimo semestre tive o privilégio de ir a João Pessoa - PB, para apresentar um trabalho no ENPEG (Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia) intitulado "A importância do trabalho de campo na formação do pedagogo", feito em parceria com Bianca Alves e orientado pela professora Maria Lídia. Nesta viagem, amadureci bastante, tanto pessoal como academicamente. Eu tive que enfrentar muitos desafios. Eu assisti à palestras de autores que antes eu só tinha lido em livros, conheci pessoas que estavam apresentando outros trabalhos e aprendi muito com elas, enfim, foi uma experiência inesquecível.

A partir de todas estas vivências pude amadurecer minhas ideias e finalmente escolher um tema para meu trabalho de conclusão de curso. E posso dizer que escolhi o curso

de pedagogia por amor à educação e vontade de transformá-la, não consigo me imaginar fazendo outra coisa, por isso acredito que serei uma profissional realizada.

CONSIDERAÇÕES INICIAS

A pesquisa que ora apresento ao público é, antes de tudo, uma inquietação que surgiu em minha cabeça logo no início da graduação, no curso de pedagogia da Universidade de

Brasília, pois foi convivendo com outros colegas que senti na “pele” o preconceito contra a origem de lugar.

A Universidade de Brasília foi criada em 15 de dezembro de 1961, quando o então presidente da República João Goulart sancionou a Lei 3.998. Teve como atores principais em sua construção o antropólogo Darcy Ribeiro, o educador Anísio Teixeira e o arquiteto Oscar Niemeyer. Segundo o site oficial da universidade:

Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal. A Universidade de Brasília foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país. [...] Os inventores desejavam criar uma experiência educadora que unisse o que havia de mais moderno em pesquisas tecnológicas com uma produção acadêmica capaz de melhorar a realidade brasileira. (UNB, 2014. Disponível em: http://www.unb.br/sobre/principais_capitulos/criacao. Acesso em: 01/11/2014)

No ambiente acadêmico e principalmente realizando esta pesquisa eu pude vivenciar o que os inventores da UnB queriam, já que, neste estudo reuni diversas formas de saberes, como por exemplo, os saberes dos grandes intelectuais reconhecidos pela academia e os saberes populares de alguns pioneiros de Ceilândia e das crianças do 5º ano da Escola Classe 24. E ainda acredito que esta pesquisa possa proporcionar algum tipo de mudança no leitor, provocando uma melhora no olhar que se lança para a realidade dos habitantes de Ceilândia.

Assim, o principal objetivo deste trabalho é investigar se existe uma visão preconceituosa contra Ceilândia, ou seja, se as pessoas que residem nessa localidade sofrem, ou não, algum tipo de tratamento negativo por parte de pessoas de outras localidades. Como dito anteriormente, essa hipótese surge de uma inquietação vivenciada pela autora. Entretanto, a investigação procura desvelar se essa “impressão” é compartilhada por outros moradores de Ceilândia.

Para encontrar elementos que comprovem, ou não, essa visão preconceituosa, elencamos objetivos específicos que serviram como um roteiro para a realização desta pesquisa. O primeiro passo foi analisar a história oficial de Brasília e de Ceilândia, buscando elementos nos sites oficiais, nos documentos oficiais e nos livros que narram a história de Brasília e de Ceilândia, que pudessem mostrar por meio dos fatos históricos se o preconceito contra Ceilândia existia anteriormente. Em contrapartida procuramos conhecer a história contada pelos pioneiros de Ceilândia, que são testemunhas oculares dos fatos históricos e nos possibilitou uma análise mais profunda do que realmente aconteceu e também nos ajudou a compreender a questão do preconceito vivenciado por eles.

Numa tentativa de verificar se o preconceito perpetua até os dias de hoje optamos por analisar duas turmas de 5º ano da Escola Classe 24 de Ceilândia, pois durante o estágio supervisionado, realizado no Projeto 4, pude conviver com algumas crianças. Nesse contexto surgiu a necessidade de saber se elas sofrem preconceito por serem moradoras de Ceilândia ou por estudarem nessa localidade. Portanto, nossos objetivos são conhecer a escola pesquisada e contextualizar as turmas observadas, para entender a realidade vivida pelas crianças.

Depois de conhecer melhor os alunos, procuramos apreender a percepção de preconceito deles, ou seja, como as crianças que têm idades entre nove e doze anos, percebem o preconceito com relação ao lugar de origem e se elas sentem esse tipo de visão negativa de Ceilândia. Para isso aplicamos questionários com perguntas discursivas para que os alunos expressassem suas opiniões sobre esse tema.

Este trabalho surge para tentar confirmar se existe, ou não, preconceito contra Ceilândia, além disso, surge para mudar paradigmas, pois quando apresentamos a história belíssima dos pioneiros e a fala das crianças apresentamos Ceilândia de uma forma desconhecida pelo leitor. Portanto, este estudo possuiu uma justificativa social, porque por meio dele, talvez possamos contribuir para um debate de ideias e para que as pessoas tenham a possibilidade de conhecer Ceilândia de outra forma.

No primeiro capítulo chamado de “O espaço geográfico e suas implicações na vida dos seres humanos”, utilizamos autores como Milton Santos, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Lana de Souza Cavalcanti, Ana Fani Alessandri Carlos, entre outros, para apresentar ao leitor alguns temas, como, território, lugar, cidade e preconceito, que são de extrema importância para o entendimento da proposta deste trabalho. Segundo Moraes:

Contudo, sabemos que toda leitura é uma reconstrução, logo condenada a um resultado que inevitavelmente tem muito de interpretação. Ninguém pode pleitear a garantia de autenticidade ou de fidelidade, nem mesmo o próprio autor ao reler sua obra ou analisar retrospectivamente suas opções teórico-metodológicas. (MORAES, 2013 p.10)

Fazemos essa ressalva, pois todos os textos lidos para a realização deste trabalho foram interpretados levando em conta o contexto, o tema proposto e o percurso metodológico traçado. Portanto, como disse Moraes, não podemos garantir completa fidelidade ao real pensamento dos autores trabalhados aqui, mas podemos garantir total empenho e dedicação para que as idéias destes pudessem ser condizentes com o que eles propuseram.

No segundo capítulo denominado “Percurso metodológico e o trabalho de campo” apresentamos ao leitor a escola escolhida e sua metodologia de trabalho, utilizando como

recurso fotografias que auxiliam o entendimento. Falamos também quais critérios adotamos para entrevista com os pioneiros e para a pesquisa com os alunos do 5º ano. E para aprofundar o conhecimento sobre a escola, apresentamos os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2013 e do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb)/prova Brasil 2011, com o objetivo de analisar o desempenho da escola em provas de nível nacional. Discutimos ainda o projeto político-pedagógico, com o objetivo de analisar e comparar o que havia escrito no documento e o vivenciado durante as observações realizadas na escola.

No terceiro capítulo denominado “A Ceilândia de ontem”, fizemos um aprofundamento nos fatos históricos, para termos subsídios que pudessem indicar se existe preconceito sobre Ceilândia. Assim, iniciamos nosso estudo pela história de Brasília, destacando os principais fatos que levaram à criação de Ceilândia. Em seguida apresentamos a história dessa Região Administrativa segundo os documentos oficiais, para depois apresentar uma história contada por alguns pioneiros que estiveram na construção da cidade e vivenciaram fatos que não são relatados nos documentos oficiais.

No quarto capítulo intitulado “A Ceilândia de hoje. Pesquisa com os alunos do 5º ano da escola classe 24 de Ceilândia” expomos aos leitores os resultados obtidos a partir da aplicação dos dois questionários nas duas turmas de 5º ano da Escola Classe 24. O primeiro teve como objetivo contextualizar a turma, a fim de conhecer a realidade vivenciada pelos alunos. O segundo pretendeu analisar as percepções dos alunos a respeito do preconceito contra a origem de lugar, para averiguar se os alunos sofrem preconceito por serem moradores de Ceilândia. Optamos por apresentar os resultados através de gráficos e tabelas, para facilitar o entendimento do leitor.

No quinto capítulo nomeado “O encontro do passado e do presente de Ceilândia na construção do preconceito contra a origem de lugar” analisamos de forma mais aprofundada os dados e fatos apresentados até então. Fazemos a comparação da Ceilândia de ontem com a Ceilândia de hoje e apresentamos os resultados obtidos, para, finalmente, dizer ao leitor se, constatamos a existência de preconceito contra Ceilândia.

Nas considerações finais, retratamos nossa percepção a respeito do preconceito contra a origem de lugar no que diz respeito à cidade de Ceilândia. Enfim, apresentamos ao leitor, um trabalho que surgiu de uma inquietação de uma estudante que pretende mostrar que nenhum tipo de preconceito é saudável. Por isso a principal mensagem desse estudo é que o preconceito é algo limitador e não pode servir como parâmetro para julgar as pessoas.

I. O ESPAÇO GEOGRÁFICO E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DOS SERES HUMANOS

O ser humano desde os primórdios de suas civilizações se caracterizou por defender e demarcar seus territórios. Isso ocasionou muitas guerras e disputas ao longo da história. Portanto quando um determinado grupo de pessoas domina um território, eles se tornam "donos" daquele lugar e atribuem um significado para aquele pedaço de terra que começam a

chamar de "lar". Assim, existiu e existe até hoje uma necessidade de demarcar esses espaços e para isso o homem utiliza símbolos ou signos. Com o auxílio desses recursos, foi delimitando as fronteiras que marcavam seus territórios, até chegar ao formato de mundo que conhecemos atualmente. Segundo Albuquerque Júnior (2012, p. 8-9) “quando se apossa ou domina qualquer parte da terra, o homem atribui imediatamente a ela um sentido, um significado que é cultural, que é tramado através de símbolos e de alguma forma de linguagem”. Essa relação do homem com a terra possibilitou a criação de inúmeras sociedades e culturas diferentes no decorrer do tempo.

Contudo, encontrar uma única e imutável definição para espaço ou território, relata Milton Santos (1978), pode ser considerada uma tarefa muito difícil, pois cada categoria possui diversos significados dependendo do contexto em que são aplicados, e pode receber diferentes elementos de forma que toda e qualquer definição não pode ser considerada imutável, fixa ou eterna, ou seja, essa definição será flexível, permitindo mudanças. Isso nos possibilita dizer que os conceitos podem assumir diferentes significados, dependendo de diversos fatores, como por exemplo, os períodos históricos, as culturas, entre outros. E isso não é diferente com os conceitos de espaço e território. Contudo o autor faz discussões em seus trabalhos que nos possibilita ter uma ideia do que são esses conceitos. Para Santos, o território:

Em si, para mim, não é um conceito. Ele só se torna um conceito utilizável para a análise social quando o consideramos a partir de seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utilizam. (SANTOS, 2000, p.22)

E continua com a ideia de espaço:

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171).

Podemos então compreender esses conceitos a partir das relações sociais vivenciadas entre os indivíduos envolvidos, que interagem e interferem no território e no espaço, sendo que estes são construídos, desconstruídos e reconstruídos ao passar do tempo pelos mesmos indivíduos e por outros que passam a fazer parte daquele espaço (SANTOS, 1978).

Santos (2000) faz uma importante distinção entre território e espaço. Para ele, a utilização do território pelo povo cria o espaço. Nessa perspectiva o território precede o espaço. O território seria então a representação de um dado estável, delimitando uma área fixa, mas que é usada pelos seus habitantes. Em contrapartida o espaço geográfico é entendido

a partir das relações vivenciadas historicamente pelos indivíduos que construíram o espaço. Falamos de um espaço utilizado por todos, sem nenhuma exceção, o que Santos (1996) denomina de espaço banal:

Quando eu falo território não estou falando na superfície nua do país, eu estou me referindo a um território usado, isto é, o território com seus homens dentro, tal como eles são, eis o território que interessa ao geógrafo. Mas não o território que interessa apenas às grandes empresas, o território que interessa a todas as empresas. A todas as instituições, a todas as pessoas, indiferentemente do que elas são, as instituições, indiferentemente do que elas são, as empresas, indiferentemente do que elas são, do seu poder. Esse território é o espaço banal, é o espaço do geógrafo. O geógrafo se interessa pelo território habitado, vivido, trabalhado, sofrido por todos. O geógrafo não escolhe as empresas, o geógrafo não escolhe as instituições, sobretudo, o geógrafo não pode escolher as pessoas, todas constituem juntas aquilo que faz do território um espaço. O território utilizado de maneira comum, ainda que de forma diversa por todos. (SANTOS, 1996 p. 9)

Assim, continuando a discussão de Santos (1996), tudo o que faz parte do território, as empresas, as instituições e principalmente as pessoas, constituem o espaço banal. É o espaço de todos, sem nenhuma distinção ou exclusão, ou seja, o espaço banal abarca tudo o que está inserido nele. Nesse estudo, pensamos o espaço a partir dessa perspectiva. Desta forma, buscamos uma definição para um dos principais objetos de estudo da Geografia, que é o espaço geográfico. Milton Santos elabora:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (1978, p. 153)

O território faz parte do espaço e o espaço faz parte do território, num movimento dialético. Milton Santos (1978) reforça a ideia de que a dimensão histórica é necessária para ir além de um nível de análise superficial, de forma que a situação atual depende, por isso, de influências históricas. Podemos dizer então que o funcionamento de um novo sistema é influenciado pelo sistema anterior.

Para uma análise geográfica do espaço, Milton Santos (1978) elenca algumas categorias como as principais que devem ser consideradas. São elas: forma, função, estrutura, processo e totalidade. A primeira é a aparência visível de um conjunto de objetos, ou seja, as formas espaciais. A segunda é a atividade desempenhada socialmente pelo objeto. A terceira, chamada pelo autor de estrutura-social-natural, é definida historicamente, ou seja, as formas e

as funções variam de acordo com o tempo e assumem as características de cada grupo social às quais pertencem. A quarta seriam as atividades realizadas continuamente, que acontecem no campo de uma estrutura social e econômica. Finalmente a quinta está associada ao tempo e possui um caráter global e tecnológico. Analisando todas essas categorias, o autor considera o espaço como:

[...] uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida [...] o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente [...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

Portanto o espaço nada mais é do que o resultado dos acontecimentos sociais, ou seja, o espaço é uma reprodução da organização feita pelo ser humano durante toda a sua história. Pode-se dizer ainda que o espaço seja organizado social e coletivamente, com formas e funções definidas historicamente. Trata-se do lugar do ser humano, sendo que constantemente é reorganizado (SANTOS, 1978).

É importante ressaltar, nessa discussão, que os habitantes desses espaços constituem sua identidade a partir do uso do território e do espaço, ou seja, os seres humanos foram criando seus espaços de diferentes maneiras e com características próprias. Assim, para definir suas características, os grupos humanos passaram a perceber as diferenças encontradas nos outros grupos mais próximos, que na maioria das vezes eram grupos inimigos que constantemente estavam em disputas pelos recursos naturais ou até mesmo pelo território. Albuquerque Júnior dá o exemplo da cultura grega:

[...] mesmo divididos em várias cidades, os gregos passaram a se considerar um só povo por se contrastarem com o que chamaram de bárbaros. A identidade grega passa a ser inseparável deste antagonista que é o bárbaro, que pode adquirir vários rostos, mas que se mantém como aquele que ao se definir por não ser grego define também o que é ser grego. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p.10)

Podemos fazer uma analogia aos dias atuais, na relação de Ceilândia com o Plano Piloto, pois ao se definir quem é o habitante do Plano Piloto também se define quem não é seu habitante, ou seja, quando se pensa em violência, pobreza, falta de escolaridade já se pensa nas periferias de Brasília (destacamos Ceilândia), pois o habitante da região do plano piloto é educado, rico, erudito e etc. O que podemos perceber nessa discussão é que esse grupo considerado diferente é definido somente por uma visão preconcebida, ou seja, o que os outros acham que eles são. Contudo não existe um conhecimento real de sua cultura, de seus costumes ou até mesmo uma confirmação das suposições feitas. A partir destas colocações

equivocadas surge o preconceito, que pode definir de forma equivocada determinado grupo. Para Albuquerque Júnior:

É a estas definições prévias, definições ou descrições que não advêm do conhecimento do outro, mas que nascem da hostilidade, da distância ou do desconhecimento do outro, que chamamos de preconceito. O preconceito, como a própria palavra deixa entrever, é um conceito prévio, um conceito sobre algo ou alguém que se estabelece antes de qualquer relação de conhecimento ou de análise que se estabeleça. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p.10 e 11).

Assim podemos perceber que o preconceito nada mais é do que uma opinião sem embasamento, sem conhecimento profundo. O outro, o desconhecido, é "julgado" e "condenado" antes de qualquer tentativa de esclarecimento. As pessoas passam então a terem uma visão estereotipada do outro, ou seja, em seus discursos encontraremos falas de quem se considera superior e acredita que pode reduzir o outro ao que elas acham que ele é. O que o estereótipo pretende fazer é mostrar somente uma versão que seja considerada a verdadeira, sem possibilidades de críticas ou discordâncias. Para Albuquerque Júnior:

O estereótipo é uma espécie de esboço rápido e negativo do que é o outro. Uma fala redutiva e reducionista, em que as diferenças e multiplicidades presentes no outro são apagadas em nome da fabricação de uma unidade superficial, e uma semelhança sem profundidade. (2012, p.13)

Outro tema relativo ao preconceito contra a origem de lugar é o etnocentrismo. Segundo o dicionário Aurélio (2001, p. 300) etnocentrismo é a “tendência a considerar as normas e valores da própria sociedade ou cultura como critério de avaliação de todas as demais”, ou seja, é quando alguém acredita que sua cultura é superior às outras e acabam por utilizar a própria cultura para julgar, comparar e inferiorizar as outras culturas. “Muitos dos preconceitos que marcam os povos, nações ou regiões, advêm do fato de que possuem padrões culturais diferentes dos povos, nações ou regiões dominantes ou hegemônicos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012 p.34).

Partindo dessas colocações podemos perceber então que o preconceito com relação à origem de lugar é justamente o fato de alguém ser tratado de forma diferente só porque é natural de uma região considerada inferior. Normalmente esse tipo de preconceito surge em outros momentos históricos, ou seja, foram produzidos e motivados em situações diversas que muitas vezes as pessoas desconhecem, mas acabam reproduzindo porque acabam internalizando as falas de seus antepassados. Segundo Albuquerque Júnior (2012, p.15) “é para isso que estudamos história: para que percamos a inocência em relação às coisas que nos cercam; para passarmos a perceber que todo e qualquer aspecto de nossa sociedade e de nossa cultura tem um passado que o produziu que se explica por um processo que o antecedeu”.

Com esses subsídios teóricos podemos começar a compreender como se dá o preconceito com relação à origem de lugar. E o principal objetivo deste trabalho é verificar se existe uma visão preconceituosa contra Ceilândia, uma Região Administrativa do DF. Inicialmente faz-se necessário uma discussão a respeito do que seja uma Região Administrativa.

As regiões administrativas foram criadas em 1964 pela Lei Federal nº 4.545 e ratificadas pelo Art. 10 da Lei Orgânica do DF em 1993. Segundo Lassance:

As regiões administrativas são áreas territoriais do DF. Seus limites físicos, estabelecidos pelo poder público, definem a Jurisdição da ação governamental regionalizada, para fins de descentralização administrativa e coordenação dos serviços públicos de natureza local. Essa ação é exercida por intermédio de cada Administração Regional. (LASSANCE, 2002 p. 19).

A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 32 proíbe que o DF seja dividido em municípios. Contudo através da Lei nº 4.545/64 permitiu-se que o DF fosse dividido em regiões administrativas. Atualmente existem 31 RA'S. Anteriormente, as regiões administrativas eram chamadas de "cidades-satélites", mas esse nome foi proibido pelo decreto nº 19.040, de 18 de fevereiro de 1998. Na prática elas funcionam como típicas cidades, mas com a particularidade de não possuir prefeitos nem vereadores e sim administradores regionais e secretários indicados pelo Governador do Distrito Federal.

Neste estudo vamos tratar Ceilândia como uma cidade e o que dá vida as cidades são os sujeitos que nelas vivem. As relações individuais ou coletivas que eles estabelecem com os espaços geográficos são complexas e ricas e permeiam os conflitos e contradições presentes em toda a sociedade. Segundo Carlos (1996, p. 20-2) "nesses lugares, ou nesse conjunto de lugares, há uma abertura para o mundo e para o individual, para uma gama infinita de situações e para uma repetição infinita de rotinas". Desta forma os indivíduos em seu cotidiano, ao circularem pela cidade, podem questionar, criticar ou analisar os diversos espaços em que estão inseridos e perceberem as coisas boas e ruins neles existentes. Segundo Milton Santos:

Acho que a cidade é multidimensional. A cidade do campo é um pouco mais que unidimensional, porque nela avultam algumas determinações que são verticais. Mas a grande cidade não. Ela reúne pessoas das mais diversas origens, dos mais diversos níveis de instrução, de riquezas de entendimento. Constitui-se em um lugar em que é possível uma mistura de interpretações mais ou menos corretas do mundo, do país e do próprio lugar. Há uma enorme riqueza de perspectivas. A vizinhança obriga as pessoas a se compararem e a se perguntarem sobre as suas diferenças, seja ela próxima ou distante. (SANTOS, 2000, p. 60)

Existem muitas formas de análises geográficas do cotidiano, mas aqui optamos por analisá-lo do ponto de vista das práticas espaciais. Segundo Morais e Cavalcanti (2011, p. 35) “essa espacialidade é concebida, para além da concepção de um espaço geométrico formal, como materialização dos movimentos e realizações diárias que os sujeitos levam a cabo para produzir a vida, o que significa entender que as relações estão materializadas na cidade”. Portanto é necessário reconhecer a Geografia como campo de investigação da espacialidade das pessoas e também destacar a importância dessas espacialidades para a compreensão da dinâmica da vida social. Nesse sentido, devemos destacar a paisagem urbana como categoria para a análise geográfica de espacialidade. Para Santos:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e etc. (1997, p. 61-2).

Na paisagem também podemos perceber as práticas que são realizadas no lugar, e para, além disso, como esses lugares são utilizados pelos diferentes sujeitos, entendendo que tudo isto está subordinado ao modo de produção da sociedade na qual esses sujeitos estão vivendo. Para isso é importante “ver a cidade "por dentro", isso significa entender os motivos e os processos pelos quais ela é ocupada, produzida e consumida desigualmente pelos diferentes sujeitos.” (MORAIS; CAVALCANTI, 2011 p. 18).

É importante ressaltar que essa realidade é diferente e desigual para as pessoas que vivem no sistema capitalista. Esse espaço torna-se então excludente, no qual somente poucos têm acesso com qualidade aos elementos básicos para a sobrevivência. Segundo Cavalcanti (2001, p.68-9) “a produção do espaço urbano é feita com base na racionalidade capitalista. Essa racionalidade é que define os lugares que são "destinados" às pessoas na cidade segundo os lugares que elas ocupam na produção”. Então podemos inferir que as pessoas vivenciam a cidade de forma diferente. Apesar de a legislação brasileira garantir o direito de ir e vir, uma grande parte da população não possui os meios necessários para que esse direito seja de fato exercido.

Assim, devemos considerar que a produção do espaço a partir da racionalidade capitalista é contraditória, gerando contra-racionalidades. O estudo dessa nova perspectiva nos permite perceber com mais clareza os conflitos, as contradições e as ações presentes no espaço urbano. Segundo Santos:

Ante a racionalidade dominante, desejosa de tudo conquistar, pode-se do ponto de vista dos autores não beneficiados, falar de irracionalidades, isto é, de produção deliberada de situações não razoáveis (...). Essas contra-racionalidades se localizam, de um ponto de vista econômico, entre as

atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas, e, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos modernas e mais “opacas”, tornadas irracionais para usos hegemônicos. Todas essas situações se definem pela sua incapacidade de subordinação completa às racionalidades dominantes, já que não dispõem dos meios para ter acesso à modernidade material contemporânea. (SANTOS, 1999 p. 246)

Podemos dizer então que na cidade criam-se irracionalidades ou contraracionalidades que se contrapõem à racionalidade do capitalismo. São novas formas de perceber e vivenciar o espaço, principalmente pelos que estão excluídos socialmente. Esse movimento surge, justamente, das contradições encontradas no cotidiano das cidades pelos indivíduos que se recusaram a continuar subordinados. (SANTOS, 1999)

Nesse capítulo tentamos apresentar e discutir o preconceito com relação à origem de lugar, citando autores que são indispensáveis para a compreensão desse tema. Esse debate sobre lugar, preconceito, cidade e suas relações, pode se encaminhar para diferentes lugares, e o principal deles deve ser a escola. A Geografia escolar cumpre um papel de extrema importância para que esse debate seja significativo para os alunos e para a comunidade escolar, formando assim cidadãos, conforme Santos (2004, p. 25) “ao expressar que a possibilidade de as pessoas alcançarem a cidadania plena depende de soluções a serem buscadas localmente, portanto o lugar é a referência geográfica dessa construção”. A partir das assertivas apresentadas no decorrer do texto, esperamos que as pessoas pudessem entender muito dos preconceitos que alimentamos hoje. Mas para, além disso, esperamos que as pessoas tivessem entendido que muitos dos estereótipos negativos existem pelo simples fato de algumas pessoas terem nascido em certa região. Isso deve ser superado. Para finalizar esse tópico apresento uma citação de Albuquerque Júnior (2012) que sintetiza esse pensamento:

O que aprendemos com a história é, justamente, que tudo que está a nossa volta, tudo o que fazemos, dizemos, somos, pensamos, foi produzido e inventado, historicamente, pelos próprios homens e, se é assim, também pode vir a ser destruído, abandonado, desinventado e desinvestido pelos próprios homens (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p.130)".

II. PERCURSO METODOLÓGICO E O TRABALHO DE CAMPO

2.1 Os métodos e a coleta de dados

Ao longo da história do Brasil tivemos vários tipos de governo, como por exemplo, o império, a primeira república e o regime militar. Conseqüentemente tivemos vários tipos de sistemas educacionais. Atualmente vivemos numa República Federativa Constitucional

Presidencialista e nosso sistema educacional é regido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal n. 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996.

A referida lei consolida e amplia o dever do poder público para com a educação em geral. Assim, vê-se em seu artigo segundo que:

a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)

Pode-se perceber que a educação básica possui um caráter de continuidade, pois vai além da formalidade escolar, permanecendo durante toda a vida do educado, ou seja, visa a formação intelectual, a formação cidadã e a formação para o trabalho.

Nos dias atuais a educação básica é obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade. Organiza-se em pré-escola, ensino fundamental e ensino médio. O foco dessa pesquisa foi o 5º do ensino fundamental.

O ensino fundamental tem duração de nove anos, sendo a matrícula obrigatória para todas as crianças com idade entre seis e quatorze anos. A responsabilidade para que de fato as crianças estejam matriculadas é conjunta, pois agrega os pais ou responsáveis, que devem ser quem efetivam a matrícula dos filhos e os acompanha durante todo o processo, do Estado, que tem o dever de garantir vagas nas escolas públicas e condições adequadas para o ensino e também da sociedade como um todo, para fiscalizar e cobrar do poder público e da família quando algo não estiver de acordo com o previsto na legislação.

No tocante à organização da educação básica encontramos no Artigo 23 da LDB:

"A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar" (LDB, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)

Contudo grande parte das escolas brasileiras optam em organizar o ensino fundamental embasada no sistema de ciclos. Sendo que os primeiros cinco anos (chamado de primeiro ciclo) acontecem normalmente em classes com um único professor regente. E os anos finais (chamado de segundo ciclo), são realizados por uma equipe de professores especialistas em diferentes disciplinas. A escola observada durante a pesquisa oferece somente o primeiro ciclo do ensino fundamental.

Um dos objetivos da pesquisa era compreender se as crianças percebem algum preconceito com relação ao lugar de origem, tendo a cidade de Ceilândia como fator principal.

Então, fomos a campo para verificar quais as percepções que os alunos de duas turmas do 5º ano da Escola Classe 24 de Ceilândia têm em relação às condições de exclusão e discriminação sofridas enquanto alunos e habitantes da cidade de Ceilândia. Optamos pela abordagem de métodos mistos, pois "no método misto, o pesquisador baseia a investigação supondo que a coleta de diversos tipos de dados garanta um entendimento melhor do problema pesquisado" (CRESWELL, 2007, p. 34-35).

A pesquisa foi realizada com trinta e cinco alunos de duas turmas do 5º ano do ensino fundamental da Escola Classe 24 de Ceilândia. Esta escola também foi objeto de pesquisa no estágio supervisionado obrigatório, nas fases 1 e 2 do Projeto 4 do curso de graduação em Pedagogia na UnB. Desde então já analisava a questão do preconceito com relação ao lugar de origem durante as aulas, passeios e atividades desenvolvidas pelos alunos e professores. Portanto esta pesquisa foi uma continuação dos trabalhos desenvolvidos nos projetos. Contudo, durante o Projeto 5 houve um aprofundamento maior em relação à percepção dos estudantes em relação a esse tema.

A primeira turma à cooperar com a pesquisa caracteriza-se por ter oito meninas e dez meninos, enquanto a segunda turma conta com dez meninas e sete meninos. A maioria dos educandos é oriunda do Distrito Federal. Possui entre nove e doze anos e reside nas quadras circundantes ou em outros setores da cidade como o condomínio Pôr do Sol e Sol Nascente que, segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (Pdad) 2010, passaram a ser a maior favela do país — à frente da internacionalmente famosa Rocinha, no Rio de Janeiro. Constatou-se durante a pesquisa que grande parte dos indivíduos apresenta dificuldade na leitura e interpretação de textos, esta restrição dificultou a resposta aos questionários. Outro fator que interferiu na realização da pesquisa foi a presença das professoras em sala, pois antes da aplicação dos questionários elas davam opiniões pessoais à respeito do tema da pesquisa, que se refere como já mencionado anteriormente ao preconceito

Por meio das respostas obtidas nos questionários tentamos entender o que os alunos pensam a respeito do preconceito contra a origem de lugar. Por isso, podemos caracterizar esta pesquisa como do tipo participante, pois sua "finalidade principal é entender e explicitar o modo de pensar, sentir e agir do grupo" (LUDWIG, 2008 p. 59). A respeito das práticas desenvolvidas na escola, foi realizada uma análise documental do Projeto Político Pedagógico, verificando se o documento está de acordo com as normas constantes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN e com os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Adotamos um procedimento quanti-qualitativo, que consiste na utilização de métodos quantitativos, para definição do perfil dos grupos que participaram da pesquisa, cujo

objetivo era identificar as pessoas que moram com os alunos, o trabalho dos pais, o que escuta sobre a cidade, entre outras questões e também métodos qualitativos, para a produção e análise dos dados. Segundo Flick (2009, p. 43) "um estudo poderá incluir abordagens qualitativas e quantitativas em diferentes fases do processo de pesquisa sem concentrar-se necessariamente na redução de uma delas a uma categoria inferior".

Foram aplicados dois questionários, em dias diferentes. O primeiro continha oito questões, sendo sete discursivas e uma exigindo que fosse feito um desenho e o segundo continha três questões, sendo as três discursivas. O primeiro questionário pretendia estabelecer o perfil da turma e concomitantemente verificar o que os educandos sabiam sobre a cidade de Ceilândia. O segundo questionário pretendia verificar o que os alunos sabiam à respeito de preconceito, focando no tocante ao preconceito contra a origem de lugar.

Após a análise dos dados obtidos com os questionários, percebemos que deveríamos ir mais fundo na questão do preconceito e assim tentar descobrir sua origem. Para isso, foi decidido que faríamos entrevistas semi-estruturadas com cinco pessoas que estiveram presentes na construção de Ceilândia, ou seja, quisemos ouvir suas histórias, seus relatos, para nos ajudar na compreensão sobre a origem do preconceito para com essa cidade.

Segundo Thompson, “toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.” (THOMPSON, 2002, p. 197). Por isso a história oral é cheia de sentimentos e percepções que as narrativas foram adquirindo ao longo da vida das pessoas. Neste sentido, é necessário considerar que o que está sendo produzido neste trabalho, trata-se de um material totalmente diferente de qualquer outro tipo de documento. Nesse perspectiva Thompson conclui que:

a elegância da generalização histórica, ou da teoria sociológica, flutua muito acima da experiência da vida comum que está na raiz da história oral. A tensão percebida pelo historiador oral é a tensão básica: entre história e vida real (THOMPSON, p. 305).

A pesquisadora numa tentativa de deixar o entrevistado mais a vontade, utilizou apenas um gravador portátil, para obter o áudio destas . Em seguida o material foi transcrito para análise. Também utilizamos um questionário semi-estruturado com perguntas direcionadas, que serviram como norteadoras.

2.2 Sobre a escola escolhida e sua metodologia de trabalho

A Escola Classe 24 de Ceilândia, foi construída em 1978. Foi entregue à Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF) em junho desse mesmo ano. O início de suas atividades ocorreu no dia 1 de agosto, e a inauguração oficial deu-se no dia 11 de dezembro do mesmo ano pelo governador Elmo Serejo Farias, pelo secretário de educação e cultura Wladimir Murinho, pelo administrador regional de Taguatinga Vital de Moraes Andrade e pela administradora de Ceilândia Maria de Lourdes Abadia Bastos. Atualmente a escola atende a crianças matriculadas no 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino fundamental no diurno e conta ainda com uma turma de aceleração. Trata-se de uma escola pública que atende alunos do ensino fundamental de nove anos, sendo considerada inclusiva por atender alunos com necessidades educativas especiais, como deficiência mental, déficit de atenção e transtorno global do desenvolvimento, com apoio pedagógico especializado.



Figura 1 - Entrada da escola. Março de 2013. Foto: Autora

A escola fica localizada na EQNN 20/22 Área especial. Seu telefone para contato é (61) 3901-6812 e o e-mail é: ec24cei@gmail.com.br. À esquerda da escola encontra-se a quadra EQNN 20 da Ceilândia-Sul e à direita está a quadra EQNN 22 da Ceilândia-Sul. À frente está uma quadra de esportes que é de uso da comunidade. E atrás da escola tem uma igreja. Outra referência é que a escola fica na Avenida da Fundação Bradesco. Esta é uma escola bem requisitada e suas vagas são bem concorridas. Quando criança, mais precisamente na antiga 3ª série (4º ano), estudei nessa escola. E as lembranças que tenho de lá são muito boas.

A escola possui 10 salas de aula, uma sala de leitura, uma sala de vídeo, um banheiro de alunos feminino, um banheiro de alunos masculino, um banheiro do pré-escolar masculino, um

banheiro de pré-escolar feminino, uma secretaria, uma direção, uma sala de professores, um banheiro para professores, cozinha com depósito de alimentos, sala de servidores com banheiro e cozinha, banheiros masculino e feminino dos auxiliares, 01 parquinho e um depósito de material.

Possui ainda duas máquinas duplicadoras, dois mimeógrafos, dois datas-show, duas lâminas de projeção, dois computadores com impressoras na sala dos professores, um na direção e outro na secretaria, ainda temos um retroprojeter e um spin light. Na sala de vídeo possuem uma TV de 21', uma TV de 29', um DVD, um vídeo cassete, um home-teather e 4 câmeras para monitoramento da escola.



Figura 2- Sala de vídeo e computação. Março de 2013. Foto: Autora



Figura 3 - Secretária e Sala dos professores, ao fundo do corredor fica a direção. Março de 2013. Foto: Autora



Figura 4 - Cantina. Março de 2013. Foto: Autora



Figura 5 - Pátio da escola. Março de 2013. Foto: Autora

No ano de 2013 a escola possuía uma nutricionista da regional de Ceilândia, que enviava o cardápio para que as cozinheiras fizessem o lanche, que é fornecido pelo GDF. Fornecia água filtrada, que era mantida numa caixa impermeabilizada e lavada todos os anos. O quadro de funcionários, no ano de 2013, era composto por cinquenta e duas pessoas. Sendo vinte e um servidores, três terceirizados, vinte e cinco professores e três contratos temporários.

2.3 Ideb da escola

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado em 2007 para medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino. Ele é calculado com base no desempenho do estudante em avaliações do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) e em taxas de aprovação. É apresentado numa escala de zero a dez.

O índice é medido a cada dois anos e o objetivo é que o país tenha nota seis em 2022 – correspondente à qualidade do ensino em países desenvolvidos. Os resultados obtidos até o

ano de 2013 e as metas projetadas para a Escola Classe 24 de Ceilândia são apresentados no seguinte quadro:

Escola ↕	Ideb Observado					Metas Projetadas							
	2005 ↕	2007 ↕	2009 ↕	2011 ↕	2013 ↕	2007 ↕	2009 ↕	2011 ↕	2013 ↕	2015 ↕	2017 ↕	2019 ↕	2021 ↕
EC 24 DE CEILAN DIA	4.8	5.2	5.4	5.1	5.8	4.8	5.1	5.5	5.8	6.0	6.3	6.5	6.8

Tabela 1 - Resultado IDEB 2013 E.C. 24. Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/> (Acesso em 18/11/2014)

Podemos notar que nos anos de 2005, 2007, 2009 e 2013 houve uma equiparação ou um crescimento em relação ao Ideb observado com as metas projetadas, o que nos revela que a qualidade do ensino na Escola Classe 24 de Ceilândia está melhorando com o passar dos anos e já está alcançando a meta esperada para o ano de 2015.

2.4 A escola e o resultado saeb/prova Brasil 2011

A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). O objetivo é avaliar a qualidade do ensino do sistema educacional brasileiro.

Nas provas, que são aplicadas para o quinto e nono ano do Ensino Fundamental e na terceira série do Ensino Médio, os estudantes respondem questões de língua portuguesa e matemática. Também tem um questionário socioeconômico no qual os estudantes fornecem informações sobre o contexto em que vivem.

Professores e diretores das turmas e escolas avaliadas também respondem a questionários que coletam dados demográficos, perfil profissional e de condições de trabalho. Os resultados da Escola Classe 24 em 2011 são apresentados no seguinte quadro:

Dependência Administrativa/Localização	Anos iniciais do Ensino Fundamental		Anos finais do Ensino Fundamental	
	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
Sua Escola	201,5	217,2	*	*
Municipal Rural	*	*	*	*
Municipal Urbana	*	*	*	*
Municipal Total	*	*	*	*
Estadual Rural	195,1	214,3	240,8	252,1
Estadual Urbana	204,0	223,2	243,2	251,7
Estadual Total	203,5	222,6	243,1	251,7

Notas:

* Não houve cálculo para esse estrato, conforme portarias normativas SAEB.

Tabela 2 - resultado saeb/prova Brasil 2011 E.C. 24. Fonte: <http://sistemasprovabrazil2.inep.gov.br/resultados/> (Acesso em 18/11/2014)

Neste trabalho iremos analisar somente os dados referentes aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, podemos verificar que o desempenho da Escola Classe 24 (representada no gráfico como "sua escola") no tocante a Língua Portuguesa, pode ser considerado bom, pois alcançou o índice de 201,5, sendo considerada quase a média nacional, que é de 203,5. Já no desempenho em relação à Matemática, a E.C. 24 também alcançou um bom índice, de 217,2, também podemos considerar que está perto da média nacional que é de 222,6.

2.5 O projeto político-pedagógico: análise sobre o escrito e o observado

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) regulamenta o sistema educacional brasileiro. Traz em seu texto as principais disposições que garantem uma unidade ao sistema escolar, que é tão diverso em todo o país. Ter conhecimento sobre este documento e seu conteúdo é de extrema importância para todos os envolvidos no processo escolar, sendo eles comunidade, escola e Estado. Um dos temas abordado pela referida lei é o Projeto Político Pedagógico - PPP.

No artigo 12, inciso I, encontramos a seguinte disposição: "Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I – elaborar e executar sua proposta pedagógica". Percebe-se que a lei prioriza que a equipe escolar possa criar e colocar em prática o que for acordado no PPP, dispondo de certa liberdade. Isso acontece porque a realidade escolar é dinâmica e heterogênea, mas esses

acordos não devem ficar somente no papel, eles devem ser executados por todos os envolvidos.

Desta forma é importante frisar que o PPP não deve ser apenas um documento exigido pela burocracia para cumprir normas. Pelo contrário, ele deve considerar o cotidiano escolar, as particularidades de cada região e principalmente cumprir seu papel de formação e de desenvolvimento do processo de educação, devidamente planejado.

A Escola Classe 24 de Ceilândia- DF possui seu PPP. Um documento de 35 páginas que aborda os eixos norteadores do trabalho lá desenvolvido. O primeiro ponto a ser destacado no documento é a metodologia de ensino:

A metodologia adotada pela escola é a mesma adotada pela SEE-DF, que é sócio-interacionista que privilegia o ensino enquanto construção do conhecimento, o desenvolvimento pleno das potencialidades do aluno e sua inserção no ambiente social utilizando, para isso, os conteúdos curriculares da base nacional comum e os temas transversais, trabalhados em sua contextualização. Lembrando sempre que o ensino fundamental deve estar comprometido com a democracia e a cidadania. (PPP, 2012 p. 5)

A escola adotou uma metodologia sócio-interacionista. Segundo Darsie (1999) nessa metodologia o sujeito constrói o conhecimento na interação com o meio físico e social, e essa construção vai depender tanto das condições do indivíduo como das condições do meio. Assim essa proposta metodológica defende que a aprendizagem acontece no meio social, ou seja, que o ser humano só é capaz de desenvolver-se em contato com no mínimo outro ser humano, sendo através da interação ativa e da troca de experiência entre ambos que o aprendizado de fato ocorre. Então, escola não é apenas um lugar para transmissão do conhecimento científico, mas um lugar de interação com outros indivíduos. Na escola em questão, pude perceber que esta interação acontece principalmente nos momentos de recreio. Segundo Cruz e Carvalho (2006, p. 115) "o recreio escolar, um espaço que, embora esteja determinado pelas relações institucionais em que está inserido, possui relativa autonomia do mundo adulto". Durante os recreios pode-se perceber uma grande liberdade das crianças em desenvolver suas brincadeiras e se relacionarem com os colegas, sem grandes preocupações com os adultos que as norteavam. Neste momento, as crianças tornam-se as protagonistas e o recreio torna-se um espaço de exercício da autonomia delas.

Por meio das observações realizadas nas turmas, durante o estágio supervisionado, foi possível notar que existe um esforço para adequar as atividades aos temas transversais propostos nos PCN's. Por exemplo, a ida de profissionais especializados para dar palestras às crianças sobre

saúde, passeios que proporcionam conhecimentos diversos, mas contextualizados na disciplina, entre outros. Para a escola isso significa que:

Os temas transversais transcendem o âmbito das disciplinas e se apresentam na forma de ética; diversidade cultural; meio-ambiente; saúde; orientação sexual; trabalho e consumo, que serão agregados, sempre que possível, a temáticas que evidenciem os contextos da comunidade onde a escola está inserida. (PPP, 2012 p. 6)

A gestão da escola, de acordo com o PPP, é democrática. Porém, esta é uma determinação legal, que por meio da Lei nº 4.751, de 07 de fevereiro de 2012, dispõe sobre o Sistema de Ensino e Gestão Democrática no Distrito Federal. A escola utiliza coordenações, fóruns de rendimento (Conselho de Classe, por exemplo), entre outros, para exercer esse tipo de gestão, mas a escola não possui uma APM (Associação de Pais e Mestres). A equipe gestora optou por dividir o trabalho entre os quatro componentes da direção, sendo que a diretora e o vice-diretor garantem o cumprimento do PPP na instituição. A supervisora pedagógica trabalha com as necessidades imediatas dos professores. A supervisora administrativa lida diretamente com folha de ponto, verbas, prestação de contas, merenda escolar, dentre outros e a direção administra toda a execução dos projetos e a parte burocrática da Instituição Educacional.

Por ser uma escola inclusiva, há uma necessidade de adaptação para que o aprendizado dos alunos seja garantido. No PPP são listadas adaptações curriculares, avaliativas, nos procedimentos didáticos, de tempo e de objetivos e conteúdos. O que foi visto durante a observação é que existe vontade por parte dos professores envolvidos, mas existem também limitações físicas e materiais que prejudicam o processo.

A escola trabalha com projetos, por exemplo, o "Projeto PROERD" com o objetivo de prevenção ao uso de drogas. O "Projeto Datas Comemorativas", que possibilita uma interação da comunidade escolar (pais, alunos e funcionários) através de eventos festivos referentes a datas comemorativas durante o ano letivo. O "Projeto Recuperação Contínua" que através de atendimento individualizado no horário contrário ao da aula, possibilita aos alunos que possuem dificuldades em sala de aula diferentes técnicas didáticas visando o efetivo aprendizado. O "Projeto Coordenação coletiva" que procura criar um momento semanal para troca de experiências, estudos e preparação de atividades entre os professores, e vários outros projetos.

O que se pode inferir sobre a análise entre o escrito no PPP e o observado na prática na escola é que existem pontos a serem melhorados e revistos pela equipe gestora em conjunto com a comunidade escolar como, por exemplo, a estrutura física, recursos materiais, entre outros, mas pode-se perceber também um grande esforço por parte dos envolvidos em fazer o planejamento acontecer de forma eficaz.

III. A CEILÂNDIA DE ONTEM

Buscamos neste capítulo fazer uma investigação, cujo principal objetivo é verificar se existe preconceito contra a Ceilândia, utilizando para isso a olhar das pessoas sobre a cidade em questão. Portanto, faz-se necessário um aprofundamento nos fatos históricos que possibilitam subsídios que nos auxiliam a esboçar uma explicação. Assim iniciaremos nosso estudo pela história de Brasília.

3.1 Brasília, um sonho possível

A ideia de transferir a capital para o centro do país era antiga, a Constituição Federal de 1891, no seu artigo 3º, já almejava a transferência. Em 1894, uma comissão liderada por Luiz Cruls, foi designada para demarcar uma área no planalto central do Brasil, em que seria construída a nova capital. Contudo somente sessenta e dois anos depois, no governo de Juscelino Kubitschek, em 1956, que a ideia foi concretizada. Ele apresentou ao povo brasileiro o seu Plano de Metas, cujo lema era “cinquenta anos em cinco”. O plano era investir em áreas primordiais para o desenvolvimento econômico, principalmente na indústria. A construção de Brasília era a meta síntese em seu plano. O objetivo era promover um significativo crescimento da economia nacional. Segundo Leôncio Rodriguez foi justamente nessa época em que a nação:

quase que abruptamente... ganhou consciência da necessidade de industrializar-se a todo custo. [...] a industrialização passa a ser percebida não só como um processo econômico, mas como um modo de vida, como o caminho através do qual a nação atingiria sua independência econômica, marcaria sua soberania. O desenvolvimento se afirma como ideologia nacional (RODRIGUES, 1966, p. 178)

Em 19 de setembro de 1956, o presidente JK sancionou a Lei 2.874, que viria a delimitar a área do novo Distrito Federal. No mesmo dia foi assinado o Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil. Lúcio Costa venceu a disputa entre 26 concorrentes e o plano piloto elaborado por ele foi o escolhido.

A construção de Brasília era completamente diferente de outras obras. Ribeiro (2008) elenca algumas de suas peculiaridades. Primeiro era um trabalho realizado em áreas relativamente isoladas e isso dificultava o acesso dos materiais e dos operários. Segundo, o projeto obedecia mais a decisões políticas do que econômicas, sendo que um dos principais objetivos de Brasília era integrar essa nova região ao resto do país. E finalmente toda esta

mística em torno deste projeto produziu reflexos ideológicos, pois ele era anunciado como algo que redimiria a região.

Os reflexos ideológicos produzidos por esse grande projeto, podem ser considerados pontos chaves nessa discussão, porque segundo Ribeiro:

De fato poucas realizações poderiam ser tão recobertas com a densidade ideológica desenvolvimentista quanto a construção de Brasília. Ver a construção da cidade como um grande projeto leva à necessidade de entendê-la no contexto de uma decisão de ordem político-econômica do Estado, em uma determinada conjuntura. A grande obra é fruto de uma decisão do Estado que acaba por implicar uma articulação ideológica legitimadora da necessidade e sua construção. Todo grande projeto tem a sua história em termos ideológicos. Mas as diferentes versões relativas a cada caso possuem ao menos um ponto em comum: uma ideologia de redenção regional ou nacional, conforme o projeto e suas dimensões. Assim, tudo passa a ser como se o tempo para uma região ou para uma nação fosse definido *antes* ou *depois* do grande projeto cuja presença de fato implica uma série de transformações. (RIBEIRO, 2008 p. 35-6)

Todas estas peculiaridades tornavam esta obra grandiosa. E devido a sua extensão, se tornava necessário uma grande quantidade de mão de obra. Assim, surgem imediatamente ofertas de empregos. Segundo Ribeiro (2008, p. 22) "os trabalhadores são selecionados, então, de forma que praticamente explicita o tipo de operário requerido e que viverá em alojamentos coletivos de grandes acampamentos: homens jovens, com saúde e sem família". Estas características definem a grande massa de trabalhadores, que devido à procura por trabalho, são submetidos a uma exploração incomum de força de trabalho. Além de a construção por si só estimular o fluxo de muitos trabalhadores, também houve uma divulgação formal do volume da obra pelo país. Segundo Kubitschek:

Divulgando a notícia de que havia trabalho para todos em Brasília, avolumavam-se cada semana as levas de trabalhadores que lá chegavam. Vinha gente de todas as regiões do país. Era uma verdadeira torrente humana, que os caminhões canalizavam no Planalto. Pobres de todas as latitudes em busca da Terra da Promissão. (KUBITSCHEK, 1975, p. 81)

Mais de sessenta mil migrantes se dirigiram ao Planalto Central brasileiro em busca de novas esperanças, sonhos e trabalho. Ribeiro (2008, p. 23) ressalta que "o setor da construção civil é o ramo industrial mais propício a deslocar milhares de trabalhadores e concentrá-los em um determinado ponto". Isso acontece primeiramente pelo pouco nível de qualificação exigido para a maior parte das atividades desenvolvidas nesse ramo e segundo, porque na maior parte das obras é exigido um número significativo de trabalhadores. Porém o grande impacto desta obra era a realidade a qual estes trabalhadores eram submetidos, pois até então Brasília era um território em que os homens trabalhavam ao extremo, não tinham

famílias, mulheres e nem lazer. Para Ribeiro (2008, p. 23) "esta é uma obra onde se ganha mais, porém trabalha-se muito mais". O jornal de esquerda, *Novos Rumos*, por exemplo, publicou:

Brasília é uma cidade turbilhão. Dia e noite trabalha-se. É impossível sopitar um sentimento de orgulho ao contemplar esta obra grandiosa. Ali está o que de melhor produziu a arquitetura brasileira: desde o Plano Piloto de Lúcio Costa, aos projetos saídos do cérebro prodigioso de Oscar Niemeyer. E tudo isso transformado em realidade pelo *candango*, sinônimo de brasileiro. Sim, porque os homens que estão tirando Brasília do nada outros não são senão os simples camponeses brasileiros, sobretudo do Nordeste. Muitos jamais haviam pegado numa colher de pedreiro, quanto mais num soldador elétrico para estrutura metálica. É impressionante sua capacidade de adaptação à moderna técnica da construção civil. Acima de quaisquer considerações, a construção de Brasília é um testemunho irrefutável da inteligência e da capacidade realizadora do trabalhador colocado a serviço de uma arquitetura de vanguarda (NOVOS RUMOS, Rio de Janeiro, n. 54, 11-17 mar. 1960 apud Ribeiro, 2000, p. 39).



Figura 6 - Candangos Brasília DF, março de 1970. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Públido DF

Era necessário criar uma entidade que representasse o governo federal para organizar e administrar a obra. A Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) foi a grande entidade criada a partir da aprovação da Lei nº 2.874, de 19 de setembro de 1956. O objetivo era ter uma empresa vinculada ao Poder Executivo com a maior autonomia possível. Então a

Novacap dividiu o território da construção em três grandes áreas, com designações específicas para o desenvolvimento dos trabalhos. Ribeiro (2008) elenca estas áreas: uma era destinada à iniciativa privada. Outra seria para o acampamento central da própria Novacap e a terceira eram áreas para os acampamentos das companhias construtoras particulares. Segundo o autor esta iniciativa iria solucionar os problemas básicos relativos aos primeiros momentos da obra, que eram: instalação dos milhares de trabalhadores, oferta de serviços para essa população, instalação da administração que iria controlar a área e sua população e armazenagem do material utilizado.

A área designada à iniciativa privada torna-se a Cidade Livre ou o Núcleo Bandeirante. Era chamada assim segundo Ribeiro

Por ser, inicialmente, a única área onde se podia entrar livremente para estabelecer residência ou desempenhar uma atividade e por ser uma área para atividades privadas na qual se incentivava o estabelecimento de comerciantes mediante a isenção de impostos. (RIBEIRO, 2008, p. 71)

Para Ribeiro (2008) o propósito era criar um núcleo de comércio que atenderia a população imigrante, de um modo geral, os particulares eram recebidos nessa nova cidade e fixavam moradia nela. Os lotes eram distribuídos em regime de comodato, que era na verdade um empréstimo que deveria ser restituído findo o prazo estipulado. O que se planejava segundo o autor era transferir a população da Cidade Livre a partir do dia da inauguração de Brasília, quando então passaria a ser “ilegal” a permanência no local. Por esse motivo só eram permitidos a construção de casas de madeiras, que ocasionou diversos problemas, como por exemplo, os incêndios.

As pessoas não paravam de chegar, e a Novacap, numa tentativa de conter o crescimento da cidade, proíbe a partir de 31 de dezembro de 1958, novas construções na área. Contudo não conseguiu de fato deter o crescente processo. Ribeiro (2008) destaca algumas alternativas para os operários que continuavam a chegar. Eles poderiam se submeter aos altos aluguéis existentes na Cidade Livre, poderiam tentar conseguir, por meio de articulações pessoais com políticos e administradores, um terreno para construir ou ainda, a solução mais comum, ocupar áreas não destinadas a suas residências. Iniciam-se então a construção das cidades satélites, como Taguatinga, em junho de 1958.



Figura 7 - Invasão de barracos em Brasília DF, 12 de dezembro de 1963. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público do DF

Podemos perceber que os trabalhadores são a maior parcela da população envolvida durante o processo de construção da nova capital federal. Ocorre, porém, que na história oficial não encontramos a real força destas pessoas. Para Ribeiro:

Na história oficial, que expressa com toda evidência seu conteúdo ideológico, o proletariado nunca aparece enquanto força presente ou, quando o faz, aparece desempenhando um papel subordinado ao sabor de iniciativas e interpelações dos setores dominantes. A história da construção da capital federal confirma a regra. (RIBEIRO, 2008, p. 23 -24)

Então as perguntas que devem ser feitas são: quem construiu esta cidade? E qual espaço nesse projeto urbanístico belíssimo foi reservado para eles? Segundo o PDAD 2004 - dados agregados para o Distrito Federal e Regiões Administrativas, no Plano Urbanístico de Brasília, as cidades satélites foram previstas como núcleos periféricos ao Plano Piloto e a implantação aconteceria de acordo com a demanda populacional. Contudo, como vimos anteriormente, as pessoas começaram a ocupar terrenos, mudando o projeto inicial. E mais pessoas chegavam a cada dia. Kubitschek (1968 p. 68), em seu livro *Porque construí Brasília*, relata que os "operários chegavam de todas as regiões do país em busca de trabalho. Eram os

candangos, que derivavam do Nordeste, do interior de Goiás e dos municípios das fronteiras de Minas e de Mato Grosso, a fim de “dar uma mão”, na obra de desbravamento do Planalto.”



Figura 8 - Candangos próximos a uma Superquadra de Brasília-DF, agosto de 1959. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público DF

O surgimento da palavra "candango" tem algumas controvérsias. Segundo Ana Miranda (2008, p. 1) "certamente é de origem banta". Em Cuba, candango significa bobalhão, mentecapto, doentio, enfraquecido. O dicionário Aurélio (2001, p. 125) diz que "era o nome com que os africanos designavam o português" e ressurgiu em Brasília nos anos 1950, não se sabe como. Podemos perceber que o nome dado às pessoas que construíram Brasília e tornaram concreto o projeto, é depreciativo.

Outra característica da construção de Brasília era a temporalidade, ou seja, milhares de trabalhadores eram contratados para exercer suas funções num determinado período de tempo. O marco desta temporalidade é a data de inauguração da obra, pois é nesta data que se dão por terminados os trabalhos. Para Ribeiro (2008, p. 30) "da mesma forma que para o início do trabalho necessitava repentinamente de milhares de trabalhadores, no seu final, igualmente de maneira repentina, milhares de trabalhadores eram liberados". Isso nos mostra

que, logo após a inauguração, surgiu um enorme número de desempregados no já, então, Distrito Federal. Brasília foi inaugurada no dia 21 de abril de 1960, e com apenas nove anos de fundação, em 1969, já tinha 79.128 favelados, que moravam em 14. 607 barracos (GDF). Os agora ex-operários, foram removidos para a periferia da cidade, passando a morar em assentamentos que não tinham infraestrutura básica e ficavam longe do mercado de trabalho. Para Ribeiro (2008, p. 32) "aqueles que construíram a cidade não tiveram o direito de nela permanecer".

Para demonstrar o que de fato ocorreu com os candangos na construção de Brasília apresentamos um poema de Nicolas Beher (2012, p. 20), que sintetiza de forma crítica e divertida os acontecimentos aqui retratados:

“evangelho da realidade
 contra jotakristo
 segundo são lúcio:
 naquele dia, jotakristo,
 subindo aos céus num pé
 de pequi, disse aos
 candangos: felizes os que
 construíram comigo esta
 cidade pois irão todos
 para as satélites”

3.2 Ceilândia: uma solução para o problema

Segundo o site oficial do GDF, naquele ano de 1969, foi realizado em Brasília um seminário sobre problemas sociais no Distrito Federal. O problema com maior magnitude era o favelamento. O governador da época, Hélio Prates da Silveira, preocupado com a gravidade do problema e suas conseqüências, solicitou a erradicação das favelas à Secretaria de Serviços Sociais, comandada por Otamar Lopes Cardoso. No mesmo ano, foi criado um grupo de trabalho que mais tarde se transformou na Comissão de Erradicação de Favelas.

Ainda segundo o site oficial do GDF, foi criada a Campanha de Erradicação das Invasões – CEI, presidida pela primeira-dama, dona Vera de Almeida Silveira. O Secretário Otomar Lopes Cardoso deu à nova localidade o nome de Ceilândia, inspirado na sigla CEI e na palavra de origem norte-americana “landia”, que significa cidade. Em 1971, já estavam demarcados 17.619 lotes de 10x25 metros, numa área de 20 quilômetros quadrados – depois ampliada para 231,96 quilômetros quadrados pelo Decreto n.º 2.842, de 10 de agosto de 1988 -- para a transferência dos moradores das ocupações do IAPI; das Vilas Tenório, Esperança, Bernardo Sayão e Colombo; dos morros do Querosene e do Urubu; e Curral das Éguas e Placa

das Mercedes, invasões com mais de 15 mil barracos e mais de 80 mil moradores. A Novacap fez a demarcação em 97 dias, com início em 15 de outubro de 1970 (GDF).

Muitos candangos e suas famílias passaram a viver em Ceilândia. Já no ano 2000, o Censo do IBGE mostrava que a população do Distrito Federal era de aproximadamente 2.041.000 habitantes. Desse total, apenas 9,6% residiam no Plano Piloto o que nos mostra que os outros 90,4% residem em torno do Plano Piloto.

Como chegavam constantemente novos migrantes ao Distrito Federal foi necessário criar o Programa Habitacional da Sociedade de Habitação de Interesse Social - SHIS, que levou o governo a criar outras áreas em Ceilândia. Em 1976, foi criada a QNO (Quadra Norte "O" e em 1977, o Núcleo Guararioba, situado na Ceilândia Sul). Surgiram depois os setores "P" Norte e "P" Sul (1979). Em 1985, foi expandido o Setor "O". Em 1988 ocorreu o acréscimo do Setor "N". Em 1989 o Setor QNQ e em 1992 o Setor "R". (CODEPLAN, 2013)

A nova cidade-satélite recebeu o traçado urbanístico de autoria do arquiteto Ney Gabriel de Souza. "Dois eixos cruzados em ângulo de 90 graus, formando a figura nada sugestiva de um barril de pólvora, coincidência nada agradável, pois anos depois, seria conhecida pelos seus elevados índices de violência" (CODEPLAN, 2011, p. 10).



Figura 9 - Ceilândia DF, 11 de Janeiro de 1974. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público

Hoje Ceilândia possui uma área urbana de 29,10 Km² e está subdividida em diversos setores: Ceilândia Centro, Ceilândia Sul, Ceilândia Norte, P Sul, P Norte, Setor O, Expansão

do Setor O, QNQ, QNR, Setores de Indústria e de Materiais de Construção, parte do INCRA (área rural da região administrativa), setor Privê, e condomínios que estão em fase de legalização como o Pôr do Sol e Sol Nascente. A Região Administrativa IX está situada a 26 quilômetros da RA I – Brasília. (CODEPLAN, 2013)

Podemos perceber então, com a história de Ceilândia, que sua criação se deu para resolver um problema que estava incomodando as elites, ou seja, era necessário encontrar um local para abrigar todos aqueles candangos. Mas eles não podiam ficar em Brasília, por isso foram mandados para a periferia de Brasília.

Um dos objetivos deste trabalho é mostrar que a periferia de Brasília, no caso em questão Ceilândia, é um ótimo local para se viver, diferente do que muitas pessoas pensam. Que este lugar tem cultura, lazer, história e pessoas trabalhadoras que lutam todos os dias para ter uma vida melhor, assim como o sonho dos candangos.

3.3 Memórias de alguns pioneiros de Ceilândia

Acima foi apresentada a história oficial, divulgada pelos sites oficiais do GDF e da CODEPLAN. Contudo a questão inicial do trabalho sobre o preconceito contra a origem de lugar não foi respondida completamente, ou seja, com todos os dados apresentados podemos ter uma vaga noção do porquê existe preconceito contra Ceilândia, mas não podemos apontar os fatores que indiquem as possíveis origens desse preconceito. Por isso decidiu-se ouvir as pessoas que estiveram no início da construção da cidade. Testemunhas oculares dos fatos históricos que possibilitaram uma análise mais profunda de outra versão para a história de Ceilândia.

O grupo pesquisado é constituído por cinco homens moradores da Guariroba, bairro de Ceilândia. As entrevistas foram realizadas individualmente e o material obtido foi transcrito. Segundo Thompson (2002, p. 23) "a entrevista é um instrumento eficiente e versátil quando utilizada em trabalhos de história oral". Para ele, a capacidade de expressão a partir da fala traz elementos muito significativos e enriquecedores para a comunicação, independentemente das condições sociais na qual a pessoa encontra-se.

Para asseverar a discussão das questões propostas nesta pesquisa, contudo sem limitar as falas dos entrevistados, optou-se pelo modelo de entrevista semi-estruturada. Para isso, foi elaborado um Roteiro de Entrevista que continha questões norteadoras do diálogo.

Partindo dessa premissa, com apenas o gravador em mãos, pode-se conhecer uma infinidade de fatos omitidos e esquecidos no decorrer do tempo. Lembranças, memórias vivas,

emoções e tantos outros sentimentos puderam ser observados nas falas destes homens simples e humildes que aceitaram contar uma nova versão para a história de Ceilândia.



Figura 10 - Raimundo Pereira de Sousa, pioneiro de Ceilândia. Abril de 2014. Foto: Autora

O primeiro entrevistado foi o senhor Raimundo Pereira de Sousa de 75 anos (nesta pesquisa irei chamá-lo de R1). Ele saiu do Ceará com aproximadamente 17 anos, no dia 15 de maio de 1960 e chegou a Brasília no dia 10 de junho de 1960 na cidade do Núcleo Bandeirante. Segundo ele "foi mais de um mês de viagem sofrendo. Um mundão de gente passando fome, sem nada pra comer. Eu saí lá do nordeste parece que com 30 mil réis e 3 queijos e ainda passei fome. Mais de um mês depois chegamos no Bandeirante. Depois do Bandeirante a gente ia pro Plano piloto, para a rodoviária velha. E lá comecei a trabalhar na construção de Brasília."

Ele conta que nesse tempo não tinha mulher no local, eram só homens trabalhando. E como ele não tinha nenhum parente aqui e não tinha pra onde ir, por muitas vezes teve de ir para uma igrejinha que tem na comercial e dormir na calçada. Relata que "chorava igual um menino que não ia nem pra frente e nem pra trás. Sem parente, sem ninguém." Mas depois de um tempo encontrou um serviço nas obras do Plano Piloto. Conta ainda que tudo era muito difícil porque "naquele tempo não era as máquinas que tem hoje não, era no carrinho de mão, carregando os materiais lá pra esplanada dos ministérios, tudo manual." Entre as idas e vindas de sua vida ele aprendeu a profissão de armador, mexendo com ferragem. E a vida foi melhorando. Em 1977 ele veio para Ceilândia.



Figura 11 - Damião Pereira Dias, pioneiro de Ceilândia. Abril de 2014. Foto: Autora

O senhor Damião Pereira Dias (nesta pesquisa irei chamá-lo de D) chegou a Brasília no dia 28 de maio de 1972, na época ele tinha 28 anos. Logo foi morar no Bandeirante na vila Esperança. Veio do Rio Grande do Norte na esperança de trabalhar na capital do país. Ele tinha um irmão que já morava aqui e o ajudou mandando o dinheiro da passagem de vinda. Ele relata: "depois de um tempo juntei o dinheiro para voltar, mas até hoje estou aqui. Nunca voltei". No início morava de aluguel, mas depois de um tempo recebeu a casa que possui na Guariroba.



Figura 12 - Raimundo Pereira de Lima, pioneiro de Ceilândia. Abril de 2014. Foto: Autora

O senhor Raimundo Pereira Lima (nesta pesquisa irei chamá-lo de R2) veio de Parnaíba, no Piauí, no ano de 1974. Veio diretamente para Ceilândia. Relata que aconteceram inúmeras modificações em Brasília, "foi uma mudança muito brusca mesmo". Tanto que acredita que só quem viu e presenciou todas essas mudanças é capaz de acreditar que de fato

elas aconteceram. Mas foi convivendo com essas coisas, adaptando-se e está aqui até hoje. Segundo ele "Brasília me acolheu. Eu e a minha família. Tudo que eu tenho foi Brasília quem me deu. Aqui eu consegui tudo”.

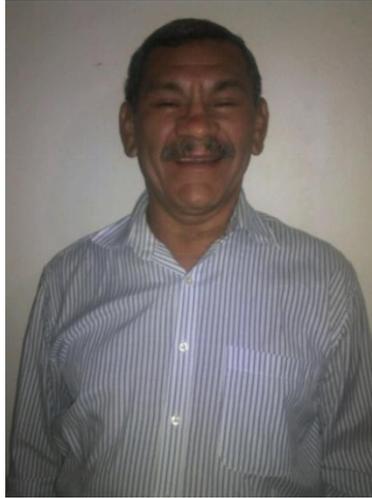


Figura 13 - Antônio Severino de Farias, pioneiro de Ceilândia. Abril de 2014. Foto: Autora

O senhor Antônio Severino de Farias (nesta pesquisa irei chamá-lo de A) chegou à Brasília no ano de 1969 com apenas 16 anos. Inicialmente morou em república com muitos rapazes, dividindo aluguel na Asa Norte. Nesse tempo trabalhou de servente de pedreiro construindo o Tribunal de Justiça do Distrito Federal. Com o passar do tempo foi morar no bandeirante com a irmã na vila Dimas. Foi nessa época que aconteceu a remoção dos barracos e ele veio para Ceilândia.



Figura 14 - Pedro Celestino Pereira, pioneiro de Ceilândia. Abril de 2014. Foto: Autora

O senhor Pedro Celestino Pereira (nesta pesquisa irei chamá-lo de P) tem 81 anos e chegou a Brasília no ano de 1978. Veio do Goiás, do município de Jaraguá no canta galo. Para

ele Brasília sempre foi um lugar bom. Oito meses depois de sua chegada em Brasília ele recebeu sua casa em Ceilândia. Onde reside até hoje com sua esposa.

A história desses cinco homens possui um ponto em comum: todos vieram para Brasília na esperança de uma vida melhor e todos moram em Ceilândia. Utilizando seus depoimentos, começaremos a contar a história oral dessa cidade. Entremeando suas falas e ilustrando os fatos importantes com fotografias da época, esperamos poder mostrar outra versão dos acontecimentos históricos.

Primeiro perguntamos como era Ceilândia no início e podemos notar que é unânime em todas as falas a dificuldade que encontraram para organizar suas vidas nesse novo lugar.

R1: "Era só cerrado. Era tudo mato. E a gente só andava a pé. Se ia para Taguatinga, samambaia, bandeirante, era a pé. Depois que chegou os carros”.

D: “Era o "cerradão". Porque quando tinha aqui a guariroba não existia o P-sul, então ali pra baixo era só o mato, o cerradão. Aí começou a construir o P-sul, o P-norte e aí acabou com os matos tudo. Transformou em cidade. Em parte isso é bom e outra é ruim. Tudo era difícil, inclusive mercado, só tinha o Tatico e o Guarapari, o resto era em Taguatinga. Era só dificuldade. A água vinha nos caminhões pipa e a gente ficava correndo atrás com os tambores. Porque tudo que você quer hoje tem perto, farmácia, colégio, mercado, tem shopping. Hoje o pessoal já recebe a casa com água encanada, energia, esgoto, mas naquela época não. Aqui mesmo na guariroba demorou a fazer o esgoto. Não tinha asfalto e quando chovia, jogava um cascalhozinho e passava a máquina, mas se passasse com o carro, ele atolava. Então em tempo de chuva era só a lama e na seca poeira. Tinha vez que chovia 30 dias sem parar. De 1972 até 1985 era chuva sem parar, mas de 1985 pra cá o clima mudou muito. Colocou muito asfalto e a água não entra”.

R2: "Quando chegamos aqui não tinha nada. Era só a casa, não tinha asfalto, não tinha esgoto, mas no início foi muito difícil."

A: "Era muito difícil não tinha asfalto, era tudo na lama. Os ônibus atolavam. Os barracos eram todos de madeira. Não tinha infraestrutura. A gente usava fossa e a gente tinha até medo de cair dentro das fossas. Então era muito difícil."

P: "No início não tinha nada, era tudo campo ainda. Nossa casinha era só três cômodos."

Podemos notar nos depoimentos, que a ocupação da cidade não aconteceu de forma planejada e projetada como aconteceu com o Plano Piloto. As pessoas ocupavam pedaços de terras e construía seus barracos sem nenhuma infraestrutura para as condições de vida.

Portanto desde o início tiveram que passar por inúmeras dificuldades. Em suas falas também podemos ter uma vaga noção de como era o "cenário" naquela época, por exemplo, na fala de R1: "Era tudo mato", na fala de D: " Então em tempo de chuva era só a lama e na seca poeira", na fala de A: " Era tudo na lama" e na fala de P: "era tudo campo ainda".



Figura 15 - Construção de barracos em Ceilândia DF, 09 de junho de 1971, Foto Joaquim Firmino. Fonte: Arquivo Público DF



Figura 16 - Construção de Barracos em Ceilândia DF, 28 de agosto de 1971, Foto Joaquim Firmino. Fonte: Arquivo Público DF

Em 27 de março de 1971, o então governador Hélio Prates inaugurava o símbolo principal da cidade: a Caixa D'água. Com 27 metros de altura é considerada cartão-postal de Ceilândia. O senhor P participou da construção desta obra e nos conta que foram tempos difíceis, mas que se orgulha de ter participado deste fato histórico. Quarenta e dois anos depois, no dia 19 de novembro de 2013, o governador Agnelo Queiroz, assinou o decreto que transformou a construção em patrimônio do DF.



Figura 17 - Obra da caixa D' água Ceilândia DF 06 de dezembro de 1972. Foto Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público DF

Com o passar do tempo às coisas começaram a melhorar, pois existia um número muito alto de pessoas morando naquele local e muitas outras chegavam a cada dia. Então o governo teve que tomar algumas iniciativas para melhorar a vida dos habitantes de Ceilândia. Por exemplo, iniciaram a construção da rede de esgoto, instalaram luz na cidade, colocaram mais ônibus para facilitar a locomoção das pessoas, mas todos esses processos não aconteceram de forma imediata, foram frutos de lutas de pessoas preocupadas com o bem estar social dos habitantes de Ceilândia. Convidamos o leitor à assistir ao vídeo "Ceilândia 39 anos: história e virtualidade em movimento" disponível no site youtube. Nesse vídeo podemos ouvir a história de algumas dessas pessoas que lutaram por uma Ceilândia melhor. A partir destas iniciativas a cidade começou a crescer cada vez mais.

R2: "Mas foi melhorando e ficando mais fácil pra gente, à condução também ficou mais fácil. Porque no início a gente tinha que ir muito longe pra pegar ônibus, porque não tinha ônibus

aqui. Tinha que subir lá pra Leste pra poder pegar ônibus. Depois é que colocaram as valas para fazerem as águas pluviais essas coisas. E com o tempo foi melhorando”.

P: "Foi melhorando muito e hoje evoluiu”.



Figura 18- Inauguração da luz na Ceilândia DF 1 de dezembro de 1971. Foto Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público DF



Figura 19 - - Inauguração Feira Livre Ceilândia DF 15 de abril de 1977, Autor Luiz Lemos. Fonte: Arquivo Público DF



Figura 20 - Novos ônibus em circulação Ceilândia DF 30 de novembro de 1979, Autor Stuckert. Fonte: Arquivo Público DF

Perguntamos como as escolas eram no início de Ceilândia e nas falas dos depoentes pode-se perceber as dores e tristezas de um passado sofrido e limitador que impossibilitou o sonho de muitos deles. O sentimento de culpa também estava presente em seus olhos, pois eles tentavam justificar o porquê de não terem conseguido estudar. Esses homens, assim como muitas pessoas até hoje, tiveram que escolher entre o trabalho e o estudo. Dos cinco entrevistados: três são analfabetos, um fez só o primeiro ano do ginásio e um fez o antigo MOBRAL. É muito importante ressaltar que todos possuem muita sabedoria de vida e apesar de não possuírem um nível elevado de escolaridade podem ensinar muitas pessoas através de suas experiências e posso dizer que durante todo este trabalho aprendi inúmeras coisas com cada um deles.

R1: "Quase não tinha escola no começo. A maioria era analfabeto. A prioridade era trabalhar. A Ceilândia era mais para os nordestinos. A inveja que eu tinha era de quem tinha estudo."

D: "Tinha. Até a noite, por exemplo, se eu quisesse estudar a noite eu tinha como estudar. Eu não estudei, não é porque eu não quisesse, mas eu chegava do serviço muito cansado. Eu acordava todo dia às 4 horas da manhã, porque era o jeito. Meu pai faleceu quando eu tinha doze anos e minha mãe já faz vinte e sete anos que faleceu. Então eu comecei a trabalhar desde que meu pai faleceu pra ajudar a manter os outros. Éramos cinco filhos. Os outros todos estudaram, eu entendo porque não deu pra "mim" estudar. Era só trabalhar e trabalhar para ajudar os outros. Eu era o mais velho dos irmãos. Eu não podia deixar minha mãe só com a

pensão que ela recebia do meu pai. Era pouco para manter cinco filhos então eu fui trabalhar de segunda a sábado."

R2: "Já tinha escolas. Não era como agora. Mas sempre teve escola pra adulto e pra criança aqui em Brasília. Meus filhos frequentaram as escolas aqui e eu estudei lá no Parnaíba. Eu fiz só até o primeiro ano do ginásio, mas graças a Deus eu tenho prática da vida e eu tive um berço muito bom educativo do meu pai. Minhas irmãs só uma se formou, mas o resto só tem o básico. Mas meu pai me deu educação, assim, de exemplo de vida. E eu procurei passar isso para os meus filhos também. Meus filhos me respeitam."

A: "Quando construiu Ceilândia, tinha muitas escolas, mas não tinha a facilidade que tem hoje. Tinha o MOBREAL, que eu não sei se mudou o nome hoje. Naquela época não tinha ajuda para as crianças que tinham problema de visão na sala de aula e eu acredito que eu não me formei porque eu precisava usar óculos. Eu fiz até a oitava série e depois eu fiz o MOBREAL. Eu era pobre e precisava trabalhar de dia e estudar de noite. Fazia dois ou três anos num ano só. Eu ainda consegui fazer isso. Mas a noite eu sentia dificuldade de copiar e também faltou orientação."

P: "Não tinha muitas escolas. É muito diferente antes e agora."

Para aprofundar a questão do preconceito perguntamos diretamente aos entrevistados o que eles achavam que era preconceito. Obtivemos as seguintes repostas:

R1: "Eu não sei o que significa preconceito, mas eu acho que é quando uma pessoa se desfaz da outra".

D: "Como eu lhe falei eu não tenho estudo, mas pra mim o preconceito existe com quem é pobre, preto. Eu entendo assim."

R2: "O preconceito pra mim é quando a pessoa se desfaz de outra pessoa, ou mesmo de uma cidade. Críticas sem fundamento. E isso pra mim é preconceito."

A: "Preconceito é chegar um "veado" e você sair de perto, porque você não gosta. Ou uma lésbica. Ou você estar conversando com um amigo seu e chega um cara rico e você fica com vergonha. O cara rico geralmente tem preconceito. É muito difícil um cara rico, do Plano Piloto, vir na Ceilândia e andar na rua normal e eles tem preconceito. Os empresários bem sucedidos não andam normal igual à gente anda na rua. Eles não ficam na rua, principalmente por causa dos bandidos".

P: "Preconceito é quando a pessoa quer ser mais que a gente."

Segundo o dicionário Aurélio (2001, p. 551), "preconceito é uma ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial; opinião desfavorável que não é baseada em dados objetivos". Existem diversos tipos de preconceito, e podemos notar isso na fala de todos, como por exemplo, foi citado preconceito com relação à orientação sexual, cor ou raça, de classe social, entre outros. Assim, o que foi visto, é que todos têm opiniões análogas, sendo que na fala de R2 e A já se percebe o preconceito com relação à origem de lugar, que é o foco desta pesquisa.

Perguntamos ainda se eles acreditam que exista preconceito com as pessoas que moram em Ceilândia e eles disseram:

R1: "Existe sim. Eu já sofri isso quando fui num médico e ele falou assim: "tem tanto tempo que você mora em Brasília e você só tem uma casinha em Ceilândia". Uma pessoa do Plano se acha melhor do que uma pessoa de Ceilândia".

D: "Existe. De algumas pessoas. Às vezes as pessoas que vai daqui mesmo, chegam lá no Plano pra uma posição melhor e são esses que tem o preconceito com a Ceilândia. Eu trabalhei no Guará três anos. Não sei se serve o que eu vou falar, mas o cara olhava pra mim e falava: "Rapaz você mora onde?", "Eu moro na Guariroba", "Rapaz como você tem coragem de morar num lugar daquele". De primeiro você saía, e ai daqui lá pro Plano, e a primeira coisa que as pessoas olhavam era pra pés. Se tivesse cheio de poeira ou de barro falava logo que era da Ceilândia. É porque não tinha asfalto, não tinha nada, era só a "lamera". Eles acham a gente inferior. Passou Taguatinga pra lá, muda. Eles têm aqui como um subúrbio. Hoje está bem melhor. O centro de Ceilândia, está igual ao centro de Taguatinga. Por exemplo, o pessoal já parou mais com o preconceito aqui e agora é com Águas Lindas. Já mudou pra lá o preconceito. Guará, Bandeirante, Lago Sul, Lago Norte, se for trabalhar lá e falar que é de Águas Lindas ou Ceilândia já fica meio "cabreiro". Antes, pra trabalhar lá, tinha que ter uma boa referência, senão não trabalhava. A aparência influencia muita. Se você vai em outra cidade e fala que é de Brasília, as pessoas passam a te tratar muito bem. Quando fala que é de Brasília já muda. Mas sempre foi assim e não vai mudar."

R2: "Têm sim. Isso eu não tenho dúvida. Você que é uma menina estudada sabe que se falar que mora em Vicente Pires, no Plano Piloto, no Lago Norte, Lago Sul, e aí vem um e fala que mora em Ceilândia já lhe olha com outro olhar. Isso aí é da natureza. Às vezes a pessoa nem quer ter esse tipo de preconceito, mas ele já vem com aquilo ali. A Ceilândia, porque já deram aquele nome e esse nome já vem de longe. E criou-se esse preconceito. Eu ouvia nas reportagens policiais que sempre o nome de Ceilândia estava em primeiro lugar em termo de

violência. E isso pra mim é preconceito. Porque nós sabemos que violência tem em todas as cidades e tinha na época também. Mas a Ceilândia veio da Vila do IAPI pra cá e tinha um número maior de pessoas. Tinha um repórter, Mário Eugênio, que chegou a citar até nomes aqui, ele deu nomes a alguns setores que eram mais violentos como o beco do mijo. E isso pra mim é preconceito."

A: "Existe. A maior diferença que eu sinto hoje é a segurança que não tem e o caso da droga desenvolveu demais na cidade e em todo o país. E está muito complicado conviver com essa situação".

P: "Não, eu acho que não. Quando a gente se movimenta pro Plano, somos recebidos legalmente, mas a gente nunca sai de casa".

Dos cinco entrevistados, quatro disseram existir preconceito por morar em Ceilândia. Em suas narrativas percebemos fatos históricos que apontem que esse tipo de preconceito existe há muito tempo, como por exemplo, quando D fala: "de primeiro você saia e ai daqui lá pro Plano e a primeira coisa que as pessoas olhavam era pra pés. Se tivesse cheio de poeira ou de barro falava logo que era da Ceilândia". Essa fala demonstra como as pessoas de outras cidades viam Ceilândia. Para eles os ceilandenses eram pessoas de pés sujos de barro. Inclusive na fala de R2 podemos perceber que o preconceito vem de muitos anos, quando ele fala: " As vezes a pessoa nem quer ter esse tipo de preconceito, mas ele já vem com aquilo ali. A Ceilândia, porque já deram aquele nome e esse nome já vem de longe".

Todos esses relatos nos possibilitaram realizar um paralelo entre antropologia e história, a história contada a partir da ótica de alguns pioneiros que ajudaram a construir Ceilândia. É antropológico porque absorve as perspectivas contadas por pessoas sérias, que presenciaram efetivamente todos os acontecimentos aqui narrados. E é um estudo de história, porque reconstrói o cotidiano vivenciado por esses atores aqui apresentados. O material utilizado foi o que ficou retido em suas memórias. Segundo Silva (2003, p. 34) os rostos são "armazéns do passado que expressam a inquietude do presente." Eles fizeram parte da "Ceilândia de ontem" e o início difícil nunca será apagado da memória de cada um deles, mas a jornada que cada um trilhou em suas vidas fez deles homens bons, honestos e corajosos. Aqui quero deixar meu enorme agradecimento a todos eles.

IV. "A CEILÂNDIA DE HOJE". PESQUISA COM OS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA CLASSE 24 DE CEILÂNDIA

Durante os meses de fevereiro e maio de 2014, realizou-se uma pesquisa com duas turmas de 5º ano da Escola Classe 24 de Ceilândia. O principal objetivo era verificar como eles percebem o lugar onde vivem e se, em suas falas, podemos perceber conotações de preconceito. Trinta e cinco alunos responderam às perguntas.

4.1 Contextualizando a turma

Para entender o contexto em que os alunos estavam inseridos, foi aplicado o primeiro questionário, contendo oito perguntas. Segundo Moroz e Gianfaldoni (2002, p. 66) "o questionário é um instrumento de coleta de dados com questões a serem respondidas por escrito e sem a intervenção direta do pesquisador." Por isso durante a aplicação explicamos a importância e necessidade da pesquisa e deixamos os alunos responderem as perguntas de forma livre.

Inicialmente pedimos para que os alunos desenhassem a cidade em que moravam, porque acreditamos que o desenho é uma forma de expressão muito significativa para a criança. Segundo Meredieu (1974, p 14) "modo de expressão próprio da criança, o desenho constitui uma língua que possui seu vocabulário e sua sintaxe". O resultado excedeu às expectativas, pois os alunos conseguiram expressar através do desenho a relação que têm com a cidade. Selecionamos alguns para serem apresentados neste trabalho.

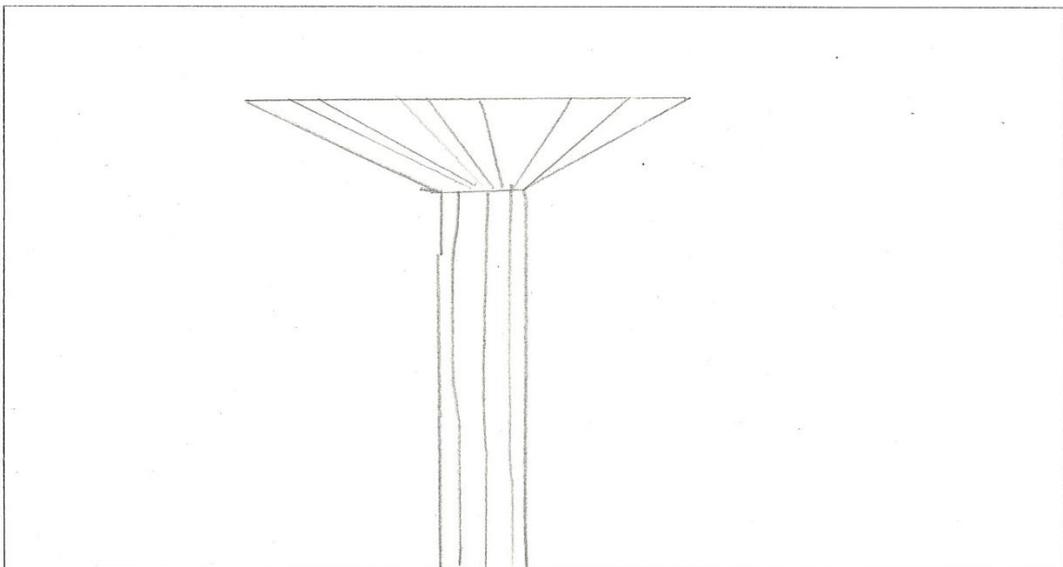


Figura 21 - Desenho da Caixa D'água



Figura 22 - Desenho da Escola Classe 24 de Ceilândia



Figura 23 - Desenho do shopping JK



Figura 24 - Desenho do Mercado Tatico

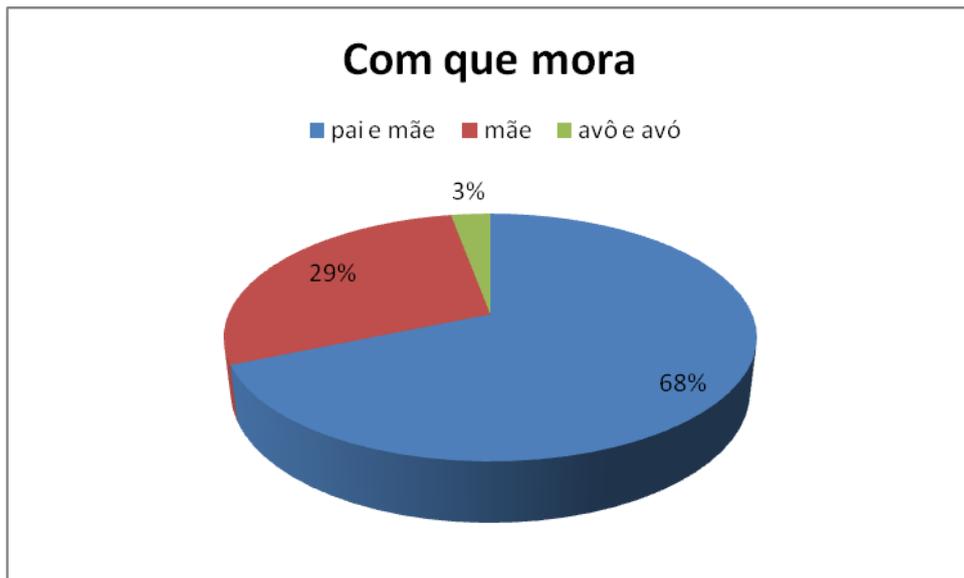
Na segunda pergunta pedimos para que os alunos pensassem no lugar em Ceilândia que mais gostavam. O resultado foi surpreendente, pois em duas turmas e num universo de 35 alunos, foram apontados 14 lugares diferentes. Sendo o parque de diversões, com 23% da amostragem, o local com maior preferência por parte dos alunos. Um fato relevante é que a maior parte dos parques de diversões fica fora da cidade de Ceilândia, o que pode demonstrar que as crianças acreditam que para encontrar lazer devem ir a outras localidades. Contudo muitos pontos considerados importantes para a cidade foram citados, como por exemplo, a caixa D'água, o centro de Ceilândia e o shopping.

Gráfico 1 - Lugar que os alunos mais gostam em Ceilândia



A terceira questão pretendia conhecer o contexto familiar dos alunos e por isso foi necessário perguntar com quem eles moravam. O intuito de saber a resposta sobre essa pergunta é conhecer quem são os responsáveis por essas crianças. A pesquisa mostrou que 68% dos alunos moram com o pai e com a mãe, 29% vivem apenas com a mãe, e finalmente apenas 3% vivem com os avós.

Gráfico 2 - Gráfico 2 - Com quem os alunos moram

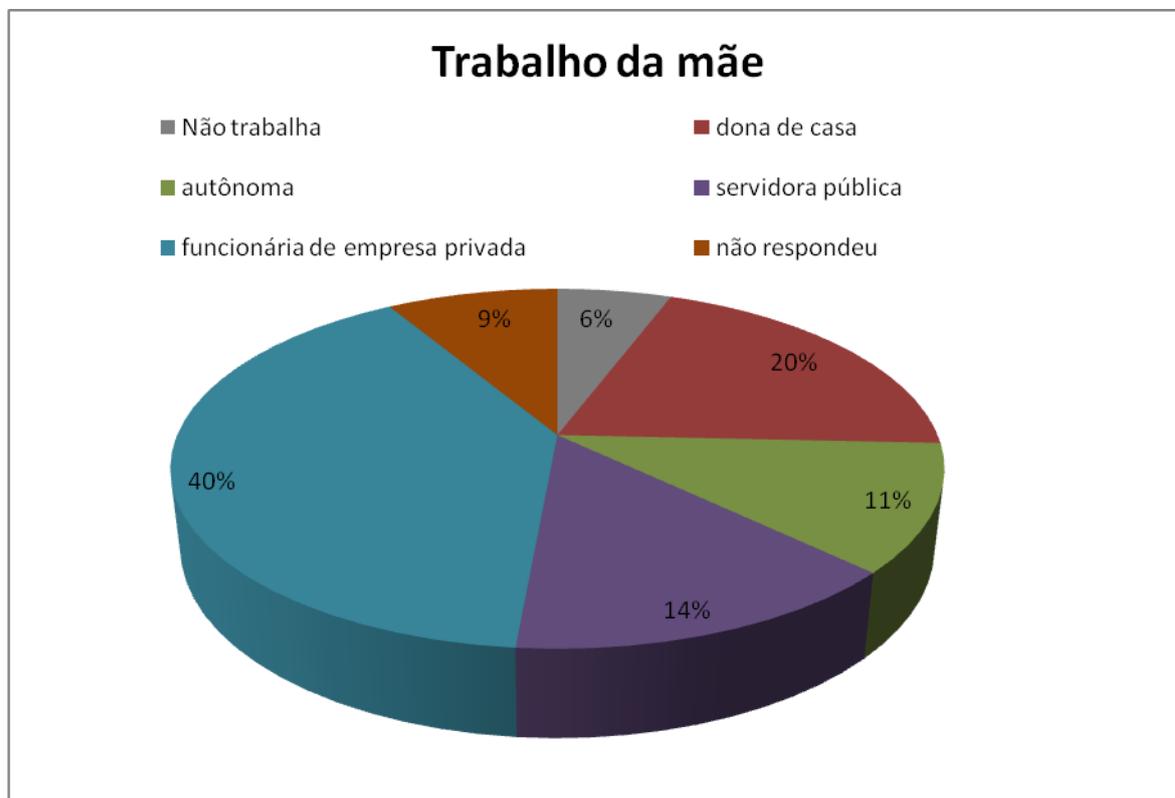


Um dos principais motivos apontados pelos professores para o distanciamento dos pais para com a escola foi o trabalho. Portanto na quarta pergunta, numa tentativa de aprofundar esse tema, questionamos os alunos a respeito da ocupação dos seus pais e das suas mães. Foram apontadas quinze profissões para os pais e dezessete para as mães. Os dados mais significativos encontrados na pesquisa foram sobre os pais e as mães que trabalham em empresas privadas, sendo 43% dos pais e 40% das mães que têm esse tipo de profissão. O que preocupa, é que nesse tipo de trabalho, ainda existe uma resistência por parte da empresa para deixar os pais acompanharem a vida escolar dos filhos. Existe um Projeto de Lei Do Senado Nº 00620 de 2011 que propõe o acréscimo do inciso X ao art. 473 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, que permitiria a ausência do trabalhador ao serviço por um dia a cada seis meses para comparecimento as reuniões escolares dos seus filhos, mediante comprovante de comparecimento à escola. Porém ainda precisa ser aprovado. Enquanto isso, esses pais ainda terão dificuldades para acompanhar seus filhos na escola. É importante frisar que os pais e responsáveis têm o direito de acompanhar a educação de seus filhos e essa participação ativa na vida escolar das crianças interfere positivamente na qualidade do ensino.

Gráfico 3 - Trabalho do pai

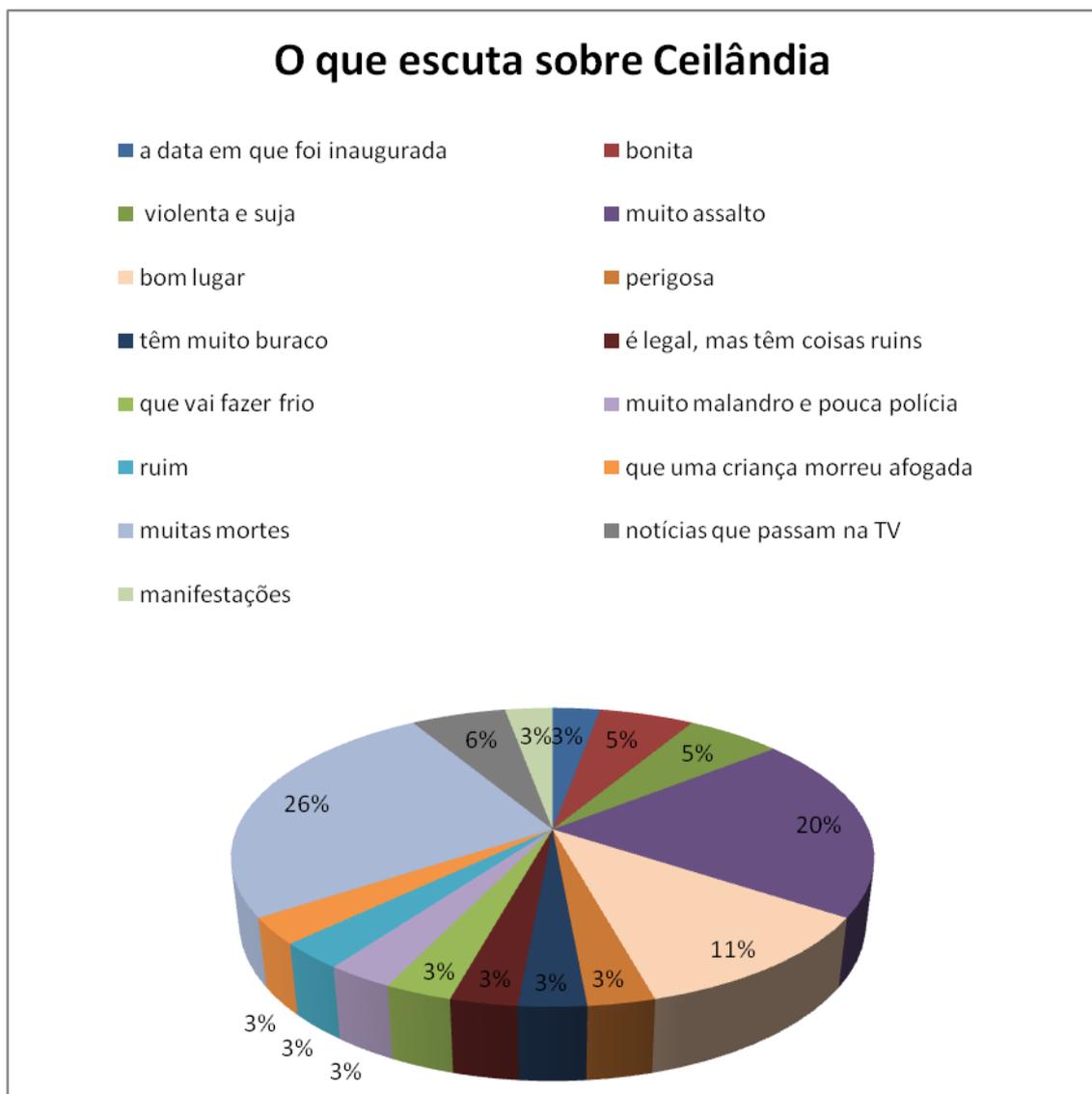


Gráfico 4 - Trabalho da mãe



A quinta pergunta pretendia saber o que os alunos ouviam sobre sua cidade, com o objetivo de perceber se eles escutam coisas positivas ou negativas. A pesquisa revelou que os alunos escutam muitas coisas negativas relacionadas à Ceilândia como, por exemplo, muito assalto, violência, que têm buracos, que têm muitas mortes, entre outros. Sendo assim, podemos notar, através do gráfico apresentado a seguir, que grande parte deles escutam coisas negativas relacionadas à cidade. Porém, os problemas ressaltados pelos alunos, não estão presentes apenas em Ceilândia, ou seja, atualmente esses problemas são vivenciados por todo o país. Inclusive a falta de segurança pública foi uma das principais reclamações das manifestações que ocorreram no Brasil em junho de 2013. Contudo, existem alunos que escutam coisas boas com relação à Ceilândia, como por exemplo, que é bonita e é um bom lugar. Essas respostas nos mostram que existem coisas positivas em Ceilândia.

Gráfico 5 - O que os alunos escutam sobre Ceilândia



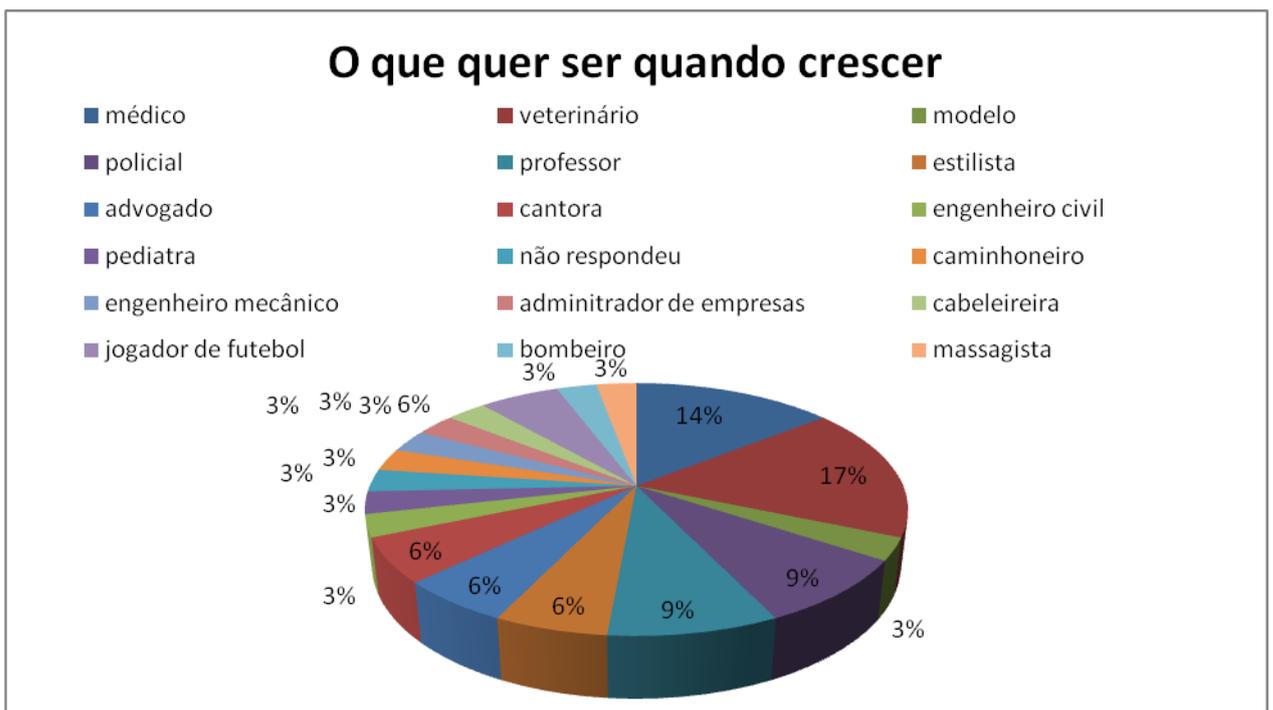
Na sexta pergunta queríamos verificar como os alunos reagiriam se tivessem a possibilidade de mudar para outro lugar. Novamente tivemos um resultado surpreendente, pois 71% dos alunos responderam que continuaria morando na cidade.

Gráfico 6 - Os alunos continuariam morando em Ceilândia ou mudariam



Na sétima pergunta pedimos para que os alunos refletissem a respeito das profissões que acham que exercerão no futuro. Num universo de 35 alunos, tivemos 18 respostas diferentes. Sendo que a profissão de veterinário foi a mais citada em 17% das respostas. Esses dados estão representando os sonhos das crianças e a escola tem um papel de extrema importância para torná-los possíveis.

Gráfico 7 - O que os alunos querem ser quando crescerem



Com o objetivo de verificar se a disciplina de Geografia está contribuindo de forma positiva no tocante a Ceilândia, decidimos que a oitava e última pergunta seria sobre o que os estudantes ouvem a respeito da sua cidade durante as aulas. Um fato relevante é que era início do ano letivo e, por isso, os alunos tiveram dificuldades em lembrar algo citado sobre Ceilândia durante as aulas. Em 51% das respostas os alunos disseram que as professoras falam sobre Ceilândia durante as aulas de Geografia, mas não aprofundaram no conteúdo do que elas falam. Contudo 29% diz não se lembrar de a professora ter falado sobre Ceilândia durante as aulas, 11% disse que as professoras não falam sobre esse tema e ainda os 9% restantes não responderam à pergunta, ou seja, somando os percentuais que mostram de alguma forma que esse tema não é tratado durante as aulas chegamos ao total de 49%. Isso nos mostra que os alunos não são preparados academicamente para conhecer o lugar onde vivem. Segundo os PCN's (1997, p. 29) um dos objetivos de Geografia para o segundo ciclo é "reconhecer, no lugar no qual se encontram inseridos, as relações existentes entre o mundo urbano e o mundo rural, bem como as relações que sua coletividade estabelece com coletividades de outros lugares e regiões, focando tanto o presente como o passado". Essa pesquisa mostrou que a disciplina de Geografia está em déficit com o conhecimento dos alunos em relação à Ceilândia, ou seja, sabemos que muito mais poderia ser feito. Contudo seria necessária uma pesquisa mais aprofundada para comprovar esses dados. A disciplina de Geografia pode ser um instrumento de extrema importância no combate ao preconceito contra a origem de lugar, porém pode reafirmar muitos estigmas sobre a cidade de Ceilândia. Quem vai definir como trabalhar esse tema são os professores. Segundo Lesann (2009, p. 30) “não raramente, uma mesma atividade é desenvolvida ao longo dos diferentes anos do currículo, da mesma maneira, trabalhando-se os mesmos conteúdos, conceitos e habilidades”. Por isso seriedade, compromisso e conhecimento são pilares que devem estar intrinsecamente unidos nos planejamentos das aulas feitas pelos profissionais da educação.

Gráfico 8 - O que os alunos escutam sobre Ceilândia nas aulas de Geografia



4.2 O preconceito sobre a origem de lugar segundo os alunos

O segundo questionário era voltado para a questão do preconceito com relação à origem de lugar. O principal objetivo era entender como as crianças percebem Ceilândia. Para isso foram feitas três perguntas que exigiam respostas discursivas. A primeira questão pretendeu verificar o que os alunos sabiam sobre preconceito. Eles escreveram com as próprias palavras o que entendiam a respeito desse tema. Para compreender melhor o que eles disseram apresentaremos os resultados em forma de tabelas:

Tabela 3 - Preconceito segundo a Turma A

01 – O que você sabe sobre preconceito?	
O preconceito é a aparência física de ser negro, de ser gordo, usar óculos e ser muito magro.	Aluno “A”
É uma pessoa não gostar de alguma coisa na outra pessoa, como a cor da pele, se o cabelo é liso, cacheado ou crespo e até a classe social.	Aluno “B”
Eu sei que o preconceito não é só por ser ou não ser negro, mas também por classe social, por morar em certo lugar, por não andar ou falar.	Aluno “C”
O que eu sei sobre preconceito é que as pessoas ficam xingando outra pessoa só pela cor da pele, porque as pessoas se acham melhores porque são brancas.	Aluno “D”
O preconceito é quando uma pessoa está denegrindo a imagem da outra.	Aluno “E”
Sei que existe preconceito por ser negra, branca, por usar óculos e etc.	Aluno “F”
É quando uma pessoa chama a outra de negro, branquela e outras.	Aluno “G”
Tem muitos tipos de preconceito, e eu sei alguns, por exemplo, cor de cabelo, racismo, a cidade onde mora e etc.	Aluno “H”
As pessoas discriminam algumas pessoas por causa da cor, se usa óculos ou não, se é gordo ou não.	Aluno “I”
Decretar a cor de uma pessoa, a aparência, à qualidade.	Aluno “J”
Eu sei que tem vários preconceitos contra a mulher.	Aluno “K”
Eu sei que existem vários tipos de preconceito, por exemplo: cor da	Aluno “L”

pele, se a pessoa usa óculos, se a pessoa é gorda, se a pessoa tem algum tipo de deficiência.	
O preconceito tem duas formas: o preconceito e o racismo. Muitas pessoas sofrem com os apelidos.	Aluno "M"
Eu sei que o preconceito é sobre os brancos não gostarem dos negros.	Aluno "N"
O preconceito é xingar, colocar apelidos nas outras pessoas mesmo sendo de brincadeira.	Aluno "O"
É muito ruim porque magoa as pessoas	Aluno "P"
Eu sei que o preconceito pode acontecer com todos e pode ser inclusive com a cor da pele	Aluno "Q"

Na fala das crianças o que mais se destacou foi o preconceito com relação à cor de pele, pois num universo de dezessete crianças, treze delas falaram sobre esse tipo de preconceito. Percebe-se que as crianças conhecem outros tipos de preconceito, por exemplo, com relação a aparência física, contra a mulher entre outros. Nas falas de C e H aparece o preconceito com relação à origem de lugar.

Tabela 4 - Preconceito segundo a turma B

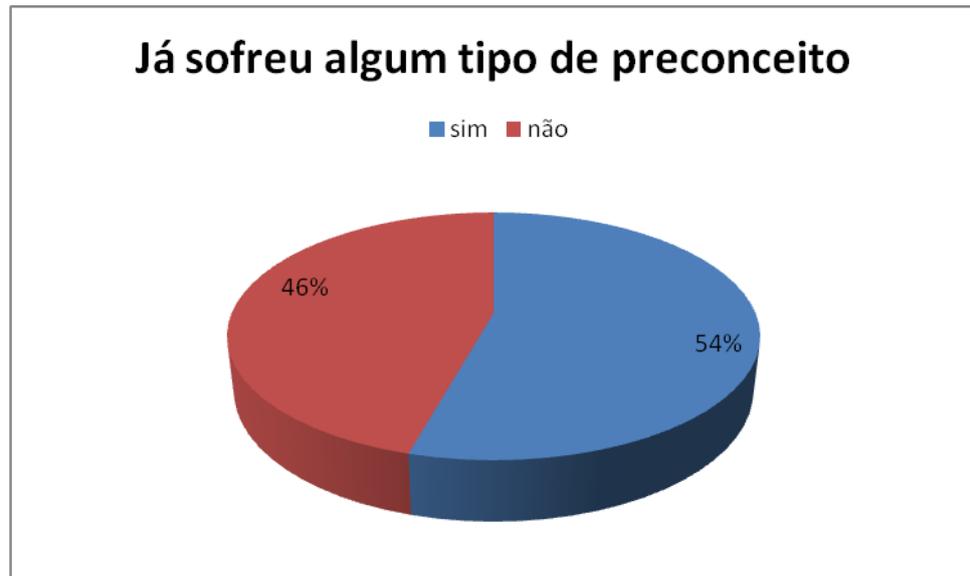
01 – O que você sabe sobre preconceito?	
O preconceito é a ideia de magoar os outros, mesmo eles sendo negros, brancos, albinos, mas todos somos iguais, nós todos somos seres humanos.	Aluno "A"
É uma coisa muito errada e precisa ser corrigida.	Aluno "B"
Preconceito é parecido com bullying.	Aluno "C"
Eu sei que é quando a pessoa não gosta da cor de outra pessoa, ou da roupa.	Aluno "D"
É tipo o bullying. Se você não gosta de uma pessoa negra, mas é em geral.	Aluno "E"
Preconceito é uma pessoa falar mal do outro, só que essa pessoa não é isso que ele pensa.	Aluno "F"

Preconceito é uma coisa muito feia. É uma coisa que as pessoas não conhecem e falam mal mesmo assim.	Aluno "G"
O preconceito é uma pré-ideia e a pessoa não sabe o que fala e ocorre todos os dias.	Aluno "H"
Que eu saiba o preconceito prejudica as pessoas que sofrem preconceito. É ruim. Ainda bem que eu nunca sofri preconceito.	Aluno "I"
O preconceito é uma pessoa ter ideia sobre uma coisa que ele não sabe.	Aluno "J"
Ninguém gosta que as pessoas sem conhecerem podem falar tudo que pensam sobre aquela pessoa. Isso é preconceito.	Aluno "K"
As pessoas ficam tristes e chateadas com o preconceito.	Aluno "L"
O preconceito é uma ideia que você não conhece e pode acabar machucando alguém.	Aluno "M"
É você ter uma ideia e não saber o que significa.	Aluno "N"
Preconceito é uma ideia que você não conhece.	Aluno "O"
Eu sei que é julgar sem conhecer.	Aluno "P"
O preconceito é uma coisa muito ruim.	Aluno "Q"
O preconceito é reposta sem saber de nada.	Aluno "R"

Percebe-se que os alunos possuem uma opinião mais abrangente do que seja preconceito e principalmente dos efeitos que podem causar nas pessoas que sofrem qualquer tipo de discriminação. Também possuem um esclarecimento de que o preconceito é uma coisa errada e danosa.

A segunda questão interpelava os alunos se, em algum momento de suas vidas, eles tinham sofrido preconceito. Em 54% das respostas eles disseram que sim, mas somente alguns expressaram que tipo de preconceito sofria, como por exemplo, uma aluna X disse: "me chamam de feia, pequena e dentuça", outra aluna Y fala: "Na minha rua as pessoas me chamam de pretinha feia", entre outros. Percebemos que desde muito cedo as crianças convivem e sofrem com o preconceito.

Gráfico 9 - Preconceito sofrido pelos alunos



A terceira questão pretendia verificar se os alunos acham que existe preconceito por morar em Ceilândia. Um número bastante significativo, 71 % deles, disse que existe preconceito por morar em Ceilândia. Na fala de alguns podemos entender o porquê: "as pessoas dizem que aqui tem muito roubo e muito pobre", "várias pessoas acham que aqui é uma favela", "as pessoas acham que é ruim nascer aqui", "quem mora no Plano Piloto fala que em Ceilândia só tem bandido", " só porque aqui é uma cidade que não tem ricos e mansões". A partir das falas expostas acima percebemos que o lugar de origem de uma pessoa pode tornar-se um fator de preconceito.

Gráfico 10 - Preconceito contra Ceilândia segundo os alunos



Este questionário possibilitou um aprofundamento no que tange à questão do preconceito contra a origem de lugar partindo das visões de crianças do 5º ano do Ensino Fundamental. Para, além disso, as crianças tiveram oportunidade de expressarem seus sentimentos e assim ouvimos suas "vozes". Elas são o futuro da cidade de Ceilândia e podem "escrever" um novo capítulo para a história dessa cidade.

V. O ENCONTRO DO PASSADO E DO PRESENTE DE CEILÂNDIA NA CONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO CONTRA A ORIGEM DE LUGAR

Partindo da premissa deste trabalho, de que existe preconceito contra a origem de lugar, buscaram-se elementos para análise na fala dos pioneiros e nos questionários respondidos pelas crianças que pudessem verificar essa asserção. Para apresentar o resultado obtido construímos categorias de análise do material.

Antes da apresentação dos resultados, consideramos importante um rápido esclarecimento a respeito da metodologia adotada para a leitura dos dados da pesquisa. Portanto, a metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, a partir das fases descritas por Bardin (2009, p.121) organizadas em torno de três pólos, que seriam: “1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação”.

A pré-análise consistiu na sistematização do conteúdo, ou seja, foi realizada uma primeira leitura das informações coletadas e então escolhemos os materiais que seriam submetidos à análise, para a elaboração dos indicadores que foram utilizados na interpretação final. Para tanto, escolhemos as entrevistas realizadas com os pioneiros de Ceilândia e os dois questionários aplicados nas turmas de 5º ano. Nessa perspectiva é importante reconhecer que para o trabalho ser mais eficaz é necessário restringir as amostragens. Nesse sentido, Bardin (2009, p.123) afirma que “nem todo o material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo se este for demasiado importante”.

A exploração do material se deu, nas entrevistas, por selecionar todas as falas dos entrevistados e encontrar pontos comuns que formassem categorias de análise, para isso utilizamos tabelas e quadros. Já na análise dos questionários, separamos e organizamos os conteúdos das respostas dos alunos em gráficos e tabelas. Essa organização nos possibilitou encontrar elementos comuns nos dois grupos pesquisados que ajudaram a responder as questões pesquisadas neste trabalho, tais como: Quem eram os sujeitos da pesquisa? Como se sentiam em relação à Ceilândia? Se, acreditavam existir preconceito contra Ceilândia? Essas, entre outras, foram nossas indagações.

O tratamento dos resultados ocorreu com base na organização estabelecida. A partir da inferência e interpretação podemos finalmente identificar as categorias existentes, ou seja, o conteúdo selecionado para análise nos remeteu aos conceitos que respaldavam a afirmação de que, de fato existe preconceito contra Ceilândia. Para Bardin (2004, p. 111), a categorização “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto,

por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero, com critérios previamente definidos”. As categorias utilizadas foram “Preconceito” e “Violência”.

A categoria “Preconceito” retrata o sentimento dos pioneiros e das crianças, ou seja, os sentimentos de tristeza e exclusão que alguns deles sofreram ao longo de suas vidas pelo fato de serem julgados por outras pessoas, sendo que esse preconceito é manifestado de diferentes formas, por isso optamos por dividir essa categoria, em subcategorias, que são: “Preconceito sofrido”, “Preconceito contra Ceilândia” e “Outros tipos de preconceito”.

A primeira subcategoria evidencia o preconceito vivenciado pelos indivíduos, por exemplo, na fala de R1: “Eu já sofri isso, quando fui num médico e ele falou assim: “tem tanto tempo que você mora em Brasília e você só tem uma casinha em Ceilândia”, na fala de D: “Eles acham a gente inferior”, ou ainda na fala das crianças, quando o aluno X diz: “me chamam de feia, pequena e dentuça”, outra aluna Y fala: “Na minha rua as pessoas me chamam de pretinha feia”. Essas falas nos mostram como alguns dos atores dessa pesquisa sentiram “na própria pele” o preconceito

A segunda subcategoria confirma a principal questão abordada nesse trabalho, ou seja, de que existe preconceito contra Ceilândia, pois quatro dos cinco entrevistados e 71% dos alunos, disse que existe preconceito contra Ceilândia. Atestamos isso quando perguntamos se existia preconceito com as pessoas que moravam em Ceilândia e vimos na fala de R1: “Uma pessoa do Plano se acha melhor do que uma pessoa de Ceilândia.”, na fala de D: “De primeiro você saia, e aí daqui lá pro Plano e a primeira coisa que as pessoas olhavam era pra pés. Se tivesse cheio de poeira ou de barro falava logo que era da Ceilândia. É porque não tinha asfalto, não tinha nada, era só a “lamera”, na fala de R2: “Têm sim. Isso eu não tenho dúvida [...] se falar que mora em Vicente Pires, no Plano Piloto, no Lago Norte, Lago Sul, e aí vem um e fala que mora em Ceilândia já lhe olha com um outro olhar, na fala de A: “Existe”. E ainda na fala de algumas crianças podemos entender o que eles sentem: “as pessoas dizem que aqui tem muito roubo e muito pobre”, “várias pessoas acham que aqui é uma favela”, “as pessoas acham que é ruim nascer aqui”, “quem mora no Plano Piloto fala que em Ceilândia só tem bandido”, “só porque aqui é uma cidade que não tem ricos e mansões”. Todas essas falas são de pessoas que moram em Ceilândia e convivem com o preconceito sofrido nessa cidade.

A terceira subcategoria apresenta os outros tipos de preconceito que foram relacionados no decorrer da pesquisa como, por exemplo, cor de pele, aparência, classe social entre outros. Não iremos aprofundar nesses outros temas, pois não é o foco principal desta pesquisa, mas optamos por apresentá-los ao leitor com o intuito de mostrar que são assuntos

sérios e que também precisam ser discutidos pela sociedade. Podemos encontrar tanto na fala dos adultos, como na fala das crianças essas outras formas de manifestação do preconceito.

A categoria “Violência” representa um ponto muito forte na fala de ambos os grupos pesquisados. Por exemplo, na fala de R2: “eu ouvia nas reportagens policiais que sempre o nome de Ceilândia estava em primeiro lugar em termo de violência. E isso pra mim é preconceito.”, na fala de A: “a maior diferença que eu sinto hoje é a segurança que não tem e o caso da droga desenvolveu demais na cidade e em todo o país”. E quando perguntamos aos alunos o que eles ouviam da sua cidade grande parte das respostas foram assalto, violência, que têm buracos, que têm muitas mortes, nos revalando que grande parte deles escutam muitas coisas negativas relacionadas à cidade. Infelizmente essa é uma triste realidade vivida por esses moradores de Ceilândia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo aferir se existe uma visão preconceituosa sobre Ceilândia, e para averiguar a veracidade desta hipótese buscamos elementos que pudessem mostrar ao leitor nosso ponto de vista. Assim, realizamos um percurso metodológico que nos auxiliou na construção de argumentos que corroboraram a nossa hipótese.

Inicialmente estudamos a história oficial de Brasília e de Ceilândia, utilizando para isso, sites oficiais, documentos, fotos do Arquivo Público e bibliografia sobre o tema, que nos mostraram que Ceilândia, desde o início de sua construção, sofre com o preconceito. Como vimos anteriormente, esta cidade surge para abrigar pessoas que não tinham onde morar e carrega no próprio nome “Campanha de Erradicação das Invasões” – CEI o estigma do preconceito.

Na história oral contada pelos pioneiros da cidade, encontramos muitos elementos que nos mostraram que o preconceito foi e é algo presente na vida deles. Pudemos compartilhar suas tristezas, dores, dificuldades e alegrias. Em suas narrativas pudemos conhecer uma história diferente e até então desconhecida.

Nos questionários aplicados aos alunos do 5º ano da Escola Classe 24 de Ceilândia, pudemos conhecer o contexto vivenciado por eles e suas percepções a respeito do preconceito contra Ceilândia. Vimos, estatisticamente, que a maior parte deles acredita que esse preconceito existe.

Contudo sabemos que o alcance desta pesquisa é limitado, pois não entrevistamos todos os habitantes de Ceilândia, mas com os resultados obtidos, podemos encontrar elementos dentro da história de Brasília e de Ceilândia, na história contada pelos pioneiros e na fala das crianças, fatos que corroboram para uma visão distorcida desta cidade.

Após análise de todo o material, chegamos à conclusão de que existe preconceito contra Ceilândia, mas para, além disso, destacamos o desafio de ser educador nesse contexto, pois o professor tem um papel de extrema importância no combate a esse preconceito. Como pedagoga é necessário que eu esteja atenta ao desenvolvimento pessoal do aluno, passando pelo contexto no qual ele está inserido até a esfera social de formação cidadã.

Assim, o papel do professor não é somente ser o mediador do conhecimento formal, é principalmente formar pessoas que conheçam o lugar onde moram, para que se sintam pertencentes àquele espaço. Para isso, o professor deve interagir com a comunidade, com os pais e com os outros professores, para que também possa se sentir pertencente ao mesmo espaço que divide com o aluno.

Partindo deste estudo, propomos uma parceria entre os pioneiros de Ceilândia e os educadores, formando aliados no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. O desafio é desenvolver essa parceria de forma construtiva, estabelecendo espaços apropriados para a participação responsável de ambos, de acordo com suas possibilidades e habilidades. Para que os pioneiros possam construir com os alunos novos e “velhos” saberes sobre Ceilândia e sobre muitos outros conteúdos.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Acredito que o futuro é algo incerto e desconhecido, contudo, também acredito que podemos nos preparar para ele. Podemos fazer planos, guardar dinheiro, ler livros, fazer

curso, acreditar que os sonhos vão dar certo, mas acima de tudo, temos que pensar nele de acordo com nossa realidade. E pensando na minha realidade é que relato aqui minhas perspectivas para o futuro.

Assim que eu concluir o curso de Pedagogia, pretendo estudar para concurso público, visando principalmente à área de Educação, seja como professora de rede pública ou em órgãos ligados à educação, e assim conseguir o tão sonhado emprego no serviço público. Também estou cogitando entrar na carreira militar, como alternativa, caso os meus planos não deem certo.

Também penso em continuar com a carreira acadêmica, primeiramente investindo numa pós-graduação "Lato Sensu", voltada para a especialização profissional ou num Mestrado. Posteriormente posso iniciar o doutorado, contudo esse é um caminho longo e árduo.

Paralelamente a tudo isso, pretendo continuar praticando Muay Thai, arte marcial originária da Tailândia, e Jiu Jitsu, uma arte marcial japonesa aperfeiçoada no Brasil. Sou uma amante das lutas e sonho em um dia poder competir em torneios e quem sabe trazer vitórias para o Brasil.

Escolhi o curso de pedagogia por amor à educação e vontade de transformá-la, por isso firmo o compromisso de ter responsabilidade e desempenhar meu papel da melhor forma possível. E se um dia tiver a oportunidade de ser educadora na cidade de Ceilândia, tentarei construir com os alunos a história dessa cidade, a cultura, as músicas e tudo que há de melhor em Ceilândia, esta cidade que é o meu lar e à qual eu pertencço. Como foi dito anteriormente, essas são apenas perspectivas, e segundo o dicionário Aurélio (2001, pag. 530) "perspectivas são expectativas e esperanças". Espero que eu possa conseguir alcançá-las.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2012.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

- BEHER, Nicolas. *Brasília revisitada*. Vol I. 2 ° edição, 2012.
- CAOP/IJ. *Marcos legais de proteção à infância*. FTD editora. 1° edição, São Luiz 2005.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec 1996.
- CARPINTERO, Antônio Carlos. 2010. *Brasília, patrimônio de quem?* Em: FERNANDES, Edésio & Alfonsín, Betânia. 2010. *Reverendo o Instituto do Patrimônio*. Belo Horizonte - MG, ED. Forum. Pp. 341-356.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- CODEPLAN - *Companhia de Planejamento do Distrito Federal*. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov>>
- CRUZ, T. M; CARVALHO, M. P. *Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental*. *Cad. Pagu [online]*. 2006, n. 26, p. 113-143.
- DARSIE, M. M. P. 1999. *Perspectivas Epistemológicas e suas Implicações no Processo de Ensino e de Aprendizagem*. Cuiabá, Uniciências, v3: 9-21.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed. Ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Peregrinações: os Garros, letos em Ijuí*. Valentim Garros, 2002
- GDF. *Conheça Ceilândia RA-IX*. Disponível em: <<http://www.ceilandia.df.gov.br/sobre-a-ra-ix/conheca-ceilandia-ra-ix.html>>. Acesso em: 01/04/2014.
- KUBITSCHKE, Juscelino. *Porque construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.
- LASSANCE, Adalberto. *Brasília e Distrito Federal: imperativos constitucionais*. Brasília: Verano, IHGDF, 2002, p. 15-76.
- LESSAN, Janine. *Geografia no Ensino Fundamental I*. Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2009.
- LIMA, Vivi Fernandes de; BELISÁRIO, Adriano. *Pioneiros da capital*. 2011. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/pioneiros-da-capital>. Acesso em: 05/04/2013.
- LUIZ, Edson Béu. *Os filhos dos candangos: Exclusão e identidades*. 2007. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/historia_artigos/3candangos_dissertacao.pdf>. Acesso em: 07/04/2013.
- MEREDIEU, Florence de. *O desenho infantil*. São Paulo. Cultrix, 1974.

MIRANDA, Ana. *Candango: pequena história de uma palavra*. Disponível em: <<http://brasiliapoetica.com.br/candango-pequena-historia-de-uma-palavra>. Acesso em: 01/04/2014.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Território na geografia de Milton Santos*. São Paulo: Annablume, 2013.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Secretaria de Educação Fundamental Brasil. *Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 166p.

PESQUISA DISTRITAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS - 2004 - PDAD 2004 - dados agregados para o Distrito Federal e Regiões Administrativas - Brasília: SEPLAN - Subsecretaria de Estatística e Informações, 2004.

PEREZ, Eden. 2009. *Os candangos*. Disponível em: < <http://bsb.hd1.com.br/candangos.html>. Acesso em: 05/04/2013.

RODRIGUES, Leôncio. *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____. *Geografia: Além do professor?*. In: Conferência de abertura do 1º Encontro Regional de Estudantes de Geografia do Sudeste realizado na UFJF em Juiz de Fora, Minas Gerais em maio de 1996. Transcrição: Cláudio Ubiratan Gonçalves. Disponível em: <http://www.miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2012/02/Geografia>. Pdf. Acesso em: 11 de novembro de 2014.

SEABRA, Odette; CARVALHO, Mônica de; LEITE, José Corrêa. *Território e sociedade entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SILVA, Inaê Elias Magno da . *Brasília, a cidade do silêncio*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

TEIXEIRA, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio. Disponível em:< <http://portal.inep.gov.br/>. Acesso em: 01/04/2013

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

UnB. *Criação*. Disponível em: <http://www.unb.br/>. Acesso em: 28 de outubro de 2014.

ANEXOS

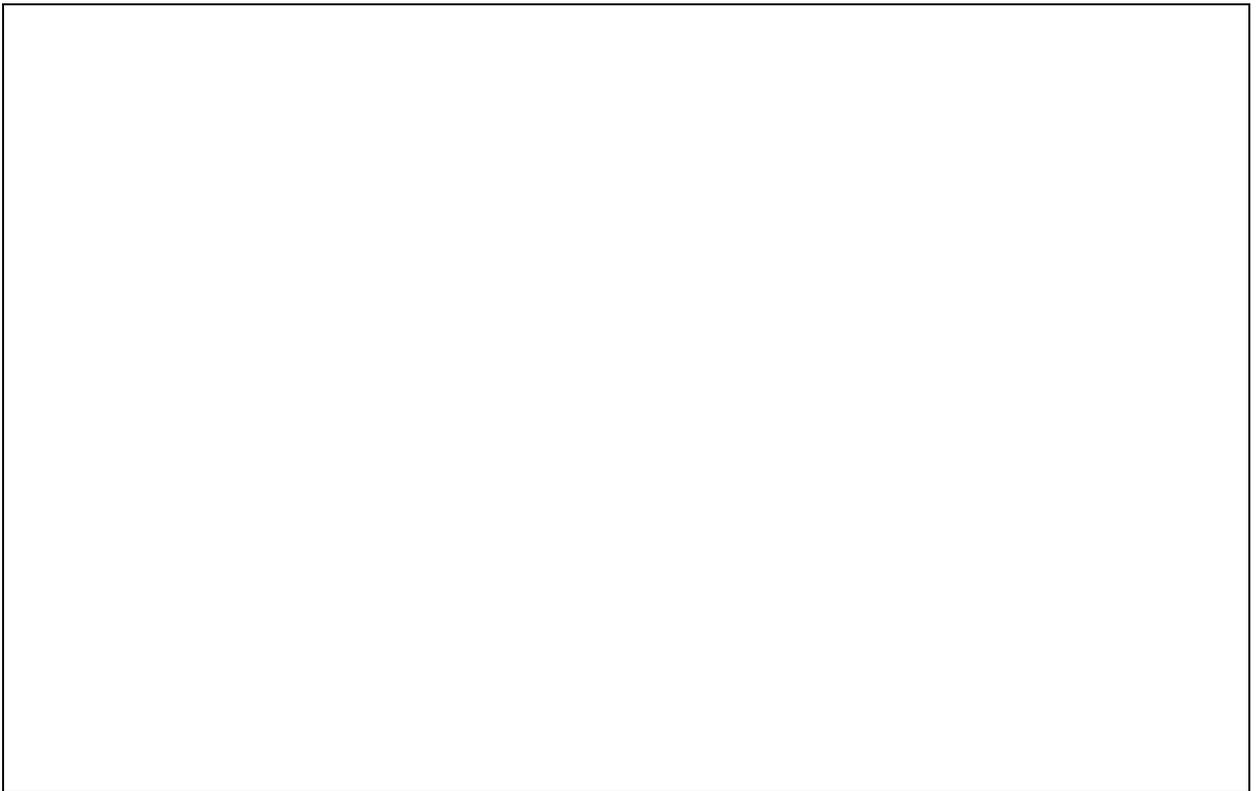
ANEXO 1 – 1º QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Nome do aluno:

Escola:	Série:
---------	--------

Atividades

1. Desenhe a cidade em que você mora.



2. Qual o lugar que você mais gosta na sua cidade? Por quê?

3. Quem mora com você?

4. Qual o trabalho dos seus pais?

5. O que você ouviu sobre a sua cidade?

6. Se você pudesse escolher: continuaria morando na sua cidade ou mudaria? Se você respondeu que mudaria, seria por qual motivo e para onde?

7. O que você quer ser quando crescer?

8. Nas aulas de Geografia a professora fala sobre sua cidade? O que ela fala?

9. Você gosta das aulas de Geografia?

ANEXO 2 - 2º QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Nome do aluno:
Série e turma:

Atividades

O que você sabe sobre o preconceito?

Você já sofreu algum tipo de preconceito?

Você acha que existe preconceito por morar em Ceilândia?

ANEXO 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Como o senhor chegou à Brasília? E depois como veio para Ceilândia?
2. Como era Ceilândia no início?
3. Existiam escolas em Ceilândia? Como elas eram?
4. O que é preconceito para o senhor?

5. O senhor acha que existe preconceito contra Ceilândia?

ANEXO 4 – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

Aluna(s): Ana Caroline do Bú Farias 10/0024521

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____
_____. AUTORIZO o uso de
minha imagem em material com fins acadêmicos, a ser utilizada no Trabalho de Conclusão de
Curso da aluna **Ana Caroline do Bú Farias**, matrícula **10/0024521**. Sendo destinadas à
divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito,
abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior. Por
esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada
haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e
assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia ____ de _____ de _____.

(assinatura)

ANEXO 5 – MAIS DESENHOS

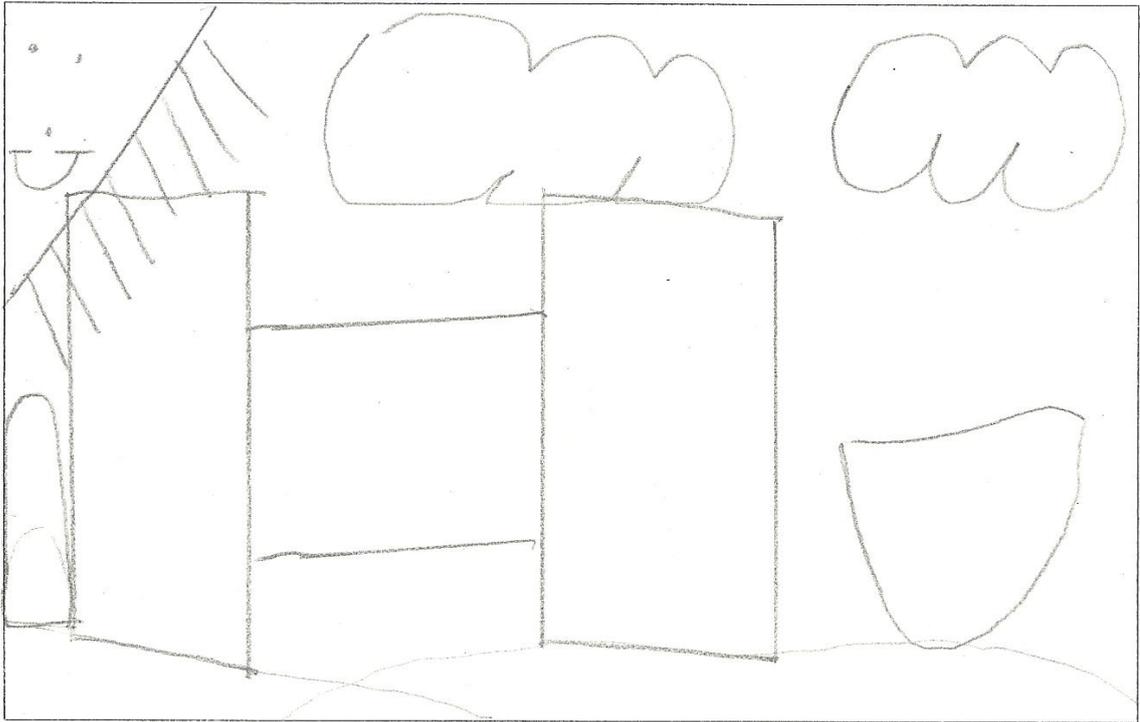


Figura 25 - Desenho do Congresso Nacional

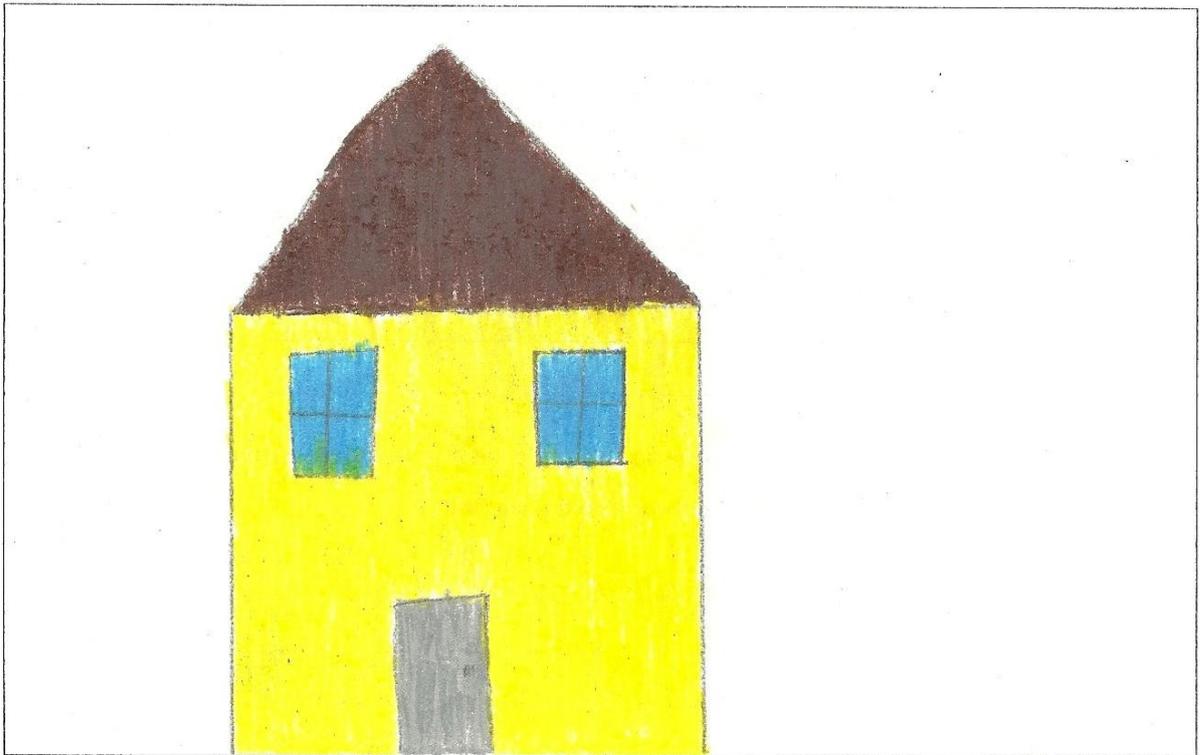


Figura 26 - Desenho de uma casa

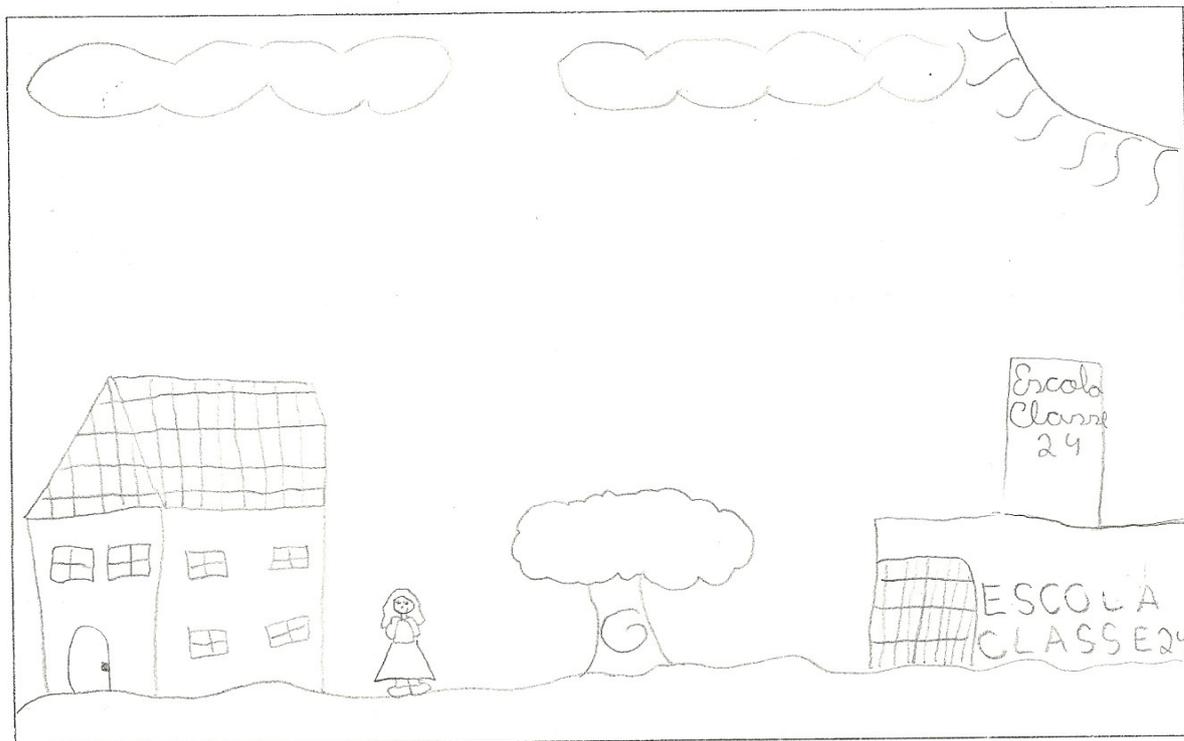


Figura 27 - Desenho da comunidade



Figura 28 - Desenho de Ceilândia